



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

O DISCURSO DO IDOSO SOBRE A VELHICE

JULIANA DE SOUZA FALCÃO

**Recife
2008**

PRAc

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

O DISCURSO DO IDOSO SOBRE A VELHICE

JULIANA DE SOUZA FALCÃO

**ORIENTADORA: PROF^a DR^a MARIA DE FÁTIMA VILAR DE MELO
CO-ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. NADIA PEREIRA DA SILVA GONÇALVES DE
AZEVEDO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP, na linha de pesquisa Linguagem, Aquisição e desenvolvimento da linguagem, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

F178d

Falcão, Juliana de Souza

O discurso do idoso sobre a velhice / Juliana de Souza Falcão ; orientador Maria de Fátima Vilar de Melo ; co-orientador Nádia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, 2008.

113 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Pós-graduação em Ciências da Linguagem, 2008.

1. Análise do discurso. 2. Lingüística. 3. Idosos - Linguagem. I. Título.

CDU 801

O DISCURSO DO IDOSO SOBRE A VELHICE

JULIANA DE SOUZA FALCÃO

PROF^a. DR^a. MARIA DE FÁTIMA VILAR DE MELO
PROF^a. DR^a. NADIA PEREIRA DA SILVA GONÇALVES DE AZEVEDO

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Data: ____/____/2008

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilar de Melo
Universidade Católica de Pernambuco
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora Externa

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos
Universidade Católica de Pernambuco
Examinador Interno

“...tudo vale a pena quando a alma não é pequena”
(Fernando Pessoa)

DEDICATÓRIA

Aos meus avós queridos, Vovó Izaura e Vovô Alexandre (in memoriam)

“Tu és divina e graciosa, estátua majestosa, do amor...”

Vocês estarão sempre comigo!

Aos meus amados pais.

AGRADECIMENTOS

A DEUS por ter me possibilitado realizar essa pesquisa;

Aos meus pais, meu porto seguro, pelo amor incondicional, pela força, pelo investimento, por terem acreditado em mim, pois sem eles eu nada seria;

Ao meu irmão querido por estar sempre ao meu lado;

A Half Antônio, meu cachorro, pela alegria constante e contagiante;

Às amigas- irmãs, Wanessa, Roberta e Fernanda, por terem compreendido com tanto carinho as minhas ausências. Vocês também fazem parte da concretização dessa etapa!

À toda minha família,

A Jam pelo cuidado e o carinho constante;

A Eduardo, pelo companheirismo, pela compreensão, pela paciência, e por todo amor me ofertado em todos os momentos.

Aos amigos do mestrado, a amiga inseparável Karla Patrícia, a elegante Ana Carolina Calheiros, a mãezona Maristela Torres, a linda Júlia Marinho, a confiante Otávia Pedrosa, a chique Luciana Studart, o querido Carlos Cordeiro, a única Rosário de Sá Barreto; por torcerem pelo meu crescimento e por estarem sempre ao meu "lado".

Aos Professores Doutores Marianne Carvalho e Junot Cornélio Matos pelas valiosas contribuições na banca prévia;

As amigas de trabalho da UNIFON/PE, Ana Cláudia Bravo, Marcilena Cabral e Nathalia Camelo pelo incentivo e compreensão.

À Minha querida orientadora, Prof^a Dr^a Maria de Fátima Vilar de Melo por tudo que me proporcionou, sempre me ajudando a desenvolver reflexões e a crescer como pesquisadora.

À minha co-orientadora, Prof^a. Dr^a Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, referência pessoal e profissional e que desde a graduação me acompanha e incentiva nos caminhos para a vida acadêmica

Aos professores do mestrado, Prof^a. Dr^a. Marígia Ana de Aguiar, Profa. Prof^a. Dr^a Wanilda Maria Cavalcanti, que foram sempre acessíveis, apoiando nos momentos difíceis, fazendo de todos do mestrado da Universidade Católica de Pernambuco uma grande família.

À Prof^a. Dr^a Maria Lúcia Gurgel da Costa, pelas primeiras orientações e por me instigar no trabalho com os idosos;

À Sra. Margarida Lustosa Benevides pela revisão do Português;

Aos meus pacientes pelo carinho e compreensão nas minhas ausências;

À Dra. Célia Nóbrega, coordenadora do P.A.I, pela autorização e disponibilidade para a realização dessa pesquisa;

Agradeço especialmente aos idosos, participantes da pesquisa, ao possibilitar este trabalho, e pela acolhida, fazendo do processo de construção da Oficina de Linguagem e um momento de grande crescimento profissional e principalmente pessoal.

RESUMO

Com o aumento do número de idosos em nossa sociedade, consideramos importante analisar e discutir essa temática, por ser esse segmento uma nova e crescente demanda para várias áreas profissionais. Assim sendo, compreender o processo de envelhecimento na sociedade brasileira atual nos permite uma maior aproximação com essa realidade, identificando as reais necessidades dessa população. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso do idoso sobre a velhice. Para isso, identificamos a heterogeneidade que constitui o discurso do idoso, como também investigamos o discurso sobre a vivência e os sentimentos referentes ao envelhecimento. A coleta de dados ocorreu no Programa de Atenção ao Idoso (PAI), no Hospital Geral de Areias, na cidade de Recife, com 15 participantes de uma Oficina de Linguagem. Utilizamos uma metodologia qualitativa. A análise dos dados foi inspirada na Análise de Discurso de Pêcheux, sobretudo em sua terceira época, levando em consideração tanto as propostas quanto as interrogações de sua última época. Nesse sentido, apóia-se na perspectiva de Teixeira (2005), concernente à heterogeneidade e às não-coincidências. No discurso dos idosos, identificamos o atravessamento dos discursos religioso, estético e médico. Através de seus discursos, identificamos um sentido primeiro, superficial, o qual os participantes sentem e vivem a velhice de forma positiva. Mas que esse sentido primeiro é desestabilizado pela enunciação uma vez que esses enunciados mostraram-se contraditórios, não-coincidentes, gerando novos sentidos. Esperamos que os conhecimentos gerados possam se transformar em suportes para a implantação de programas e para o planejamento de estratégias de atendimento e intervenção adequados à realidade, contribuindo assim para um processo de envelhecimento, senão com qualidade de vida plena, que ao menos tenda para tal direção.

Palavras-chave: Envelhecimento, velhice, discurso, Análise de Discurso fundada por Pêcheux.

ABSTRACT

With the increase in the number of elderly in our society is important analyze and discuss this theme as this segment is a new and growing demand for various professions. Thus, to understand the process of aging in Brazilian society today allows us to move closer to this reality, identifying the real needs of this population. Thus, this study aims to analyze the speech of the elderly on the old age. To do so, we identify the heterogeneity that constitutes the speech of the elderly, as well as we investigate the speech over the life experience and the feelings relating to ageing. The data collection occurred in the Attention to the Elderly Program (PAI) in the General Hospital of Areias in the city of Recife with 15 participants who were part of an Workshop of Language. We use a qualitative methodology. Data analysis was based on the Analysis of Speech by Pêcheux, especially in the third period, taking into account both the proposals and the questions of his last period. In this sense, is based on the prospect of Teixeira (2005) concerning diversity and non-coincidences. In the speech of the elderly we identify the crossing of religious, aesthetic and medicinal speeches. Through their speeches, first identified a sense, superficial, which the participants feel and live to old age in a positive way. But that sense is destabilised by the first statement since those listed have proved contradictory, non-overlapping, creating new meanings.. We hope that the knowledge generated can become suport for the implementation of programs for the planning of care and intervention strategies appropriate to the reality, thus contributing to a process of ageing, but with a full life, which at least look at this direction.

Key-words: Aging, elderly, speech, Speech Analysis founded by Pêcheux.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO A PARTIR DA CORRENTE DE ANÁLISE DE DISCURSO FUNDADA POR MICHEL PÊCHEUX	14
1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ENVELHECIMENTO, VELHICE E IDOSO.....	28
1.3 A VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE.....	36
CAPÍTULO II - ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	44
2.1 COMO TUDO COMEÇOU.....	44
2.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	45
2.3 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	47
2.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	49
CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	51
3.1: PRIMEIRA SITUAÇÃO: Conversa espontânea.....	52
3.2: SEGUNDA SITUAÇÃO: Conversa sobre o texto “Fases da velhice”.....	72
3.3: TERCEIRA SITUAÇÃO: Conversa sobre o texto “Retrato”.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

Cada vez mais o número de idosos de nossa sociedade está aumentando, fazendo com que muitas pesquisas se interessem pela temática do envelhecimento populacional. Assim, poder chegar a uma idade avançada já não é mais privilégio de poucas pessoas, em função do avanço da medicina e áreas afins.

Apesar disso, algumas ciências, como por exemplo, a Fonoaudiologia, ainda caminha de forma tímida diante dessa temática, fato que resulta em uma lacuna na atuação desse profissional no que concerne aos problemas que afligem o atendimento as pessoas dessa faixa etária.

Em uma visita a um programa para idosos (PAI), num hospital público estadual da cidade de Recife, surgiu a oportunidade de implantar uma oficina, tendo em vista que esse programa oferece várias atividades aos idosos. A oficina tinha como objetivo trabalhar com orientações fonoaudiológicas (voz, linguagem, fala e audição) para prevenção de prováveis patologias. No entanto surgiram outras questões inquietantes, na implantação da Oficina: como esses idosos concebem a velhice? Qual o seu lugar no programa? Assim, a oficina tomou uma nova direção, que além de trabalhar com orientações fonoaudiológicas, teve a preocupação de trabalhar também com o funcionamento da linguagem, possibilitando uma maior interação entre os participantes.

Um dos trabalhos voltados para a linguagem e o envelhecimento é discutido por Mac-Kay (1996). No artigo, esta autora pontua dois aspectos que ainda devem ser mais trabalhados no estudo com idosos. O primeiro aspecto refere-se ao número restrito de estudos entre grupos de idosos saudáveis. O segundo aspecto evidencia que estudos sobre o discurso dos idosos também são escassos, uma vez que, no Brasil, estudos na área do discurso são mais recentes. Estas questões nos serviram também para realizar uma pesquisa focada no discurso do idoso.

Nessa perspectiva, este trabalho se propõe, de forma geral, a analisar o discurso do idoso sobre a velhice. Para isso, nossos objetivos específicos foram: a) analisar os sentidos concernentes à velhice e ao envelhecimento, identificando a heterogeneidade discursiva a partir dos estudos de Jaqueline Authier-Revuz; b) investigar o discurso sobre a vivência e os sentimentos referentes ao envelhecimento.

O objetivo deste trabalho aponta para a relevância da investigação das implicações subjetivas produzidas pelo idoso e procuram também contribuir para os estudos tangentes à linguagem desenvolvidos pelo Grupo de pesquisa em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.

A partir de uma reflexão sobre o lugar do idoso na atualidade, este trabalho pretende contribuir para que programas para idosos lancem uma escuta para o idoso que está inserido nesses programas, compreendendo as suas necessidades, em concordância com o que sugere Mucida (2006).

A autora supracitada afirma que, nas práticas dos programas dedicados aos idosos, observa-se uma falta total de mecanismos intrínsecos para a potencialização dessas pessoas, uma vez que não se colocam como espaços para as potencializações individuais, não valorizando a singularidade do idoso.

O que geralmente ocorre, é que os programas estendem-se como ofertas universalizadas de produção. Nesses termos, reproduzem o modo como se opera no mundo contemporâneo, uma vez que, na contemporaneidade não é dada a devida atenção ao particular que anima cada desejo e esses programas, na maioria das vezes, advêm como forma de preencher o tempo vazio e sem perspectivas para o idoso.

Assim, esta pesquisa tenciona também contribuir sugerindo que os programas para os idosos lancem um novo olhar para essa população, respeitando a sua singularidade e valorizando a velhice.

No intuito de refletir sobre esses questionamentos, este trabalho encontra-se em um ponto de encontro de campos teóricos. É sabido que, ao nos dedicarmos à pesquisa, na atualidade, elaboramos projetos de intervenção

na realidade social ou interagimos com o nosso objeto, fazendo com que nossa atividade se torne um exercício interdisciplinar. Neste trabalho, esse exercício se refere à possibilidade de se realizar um diálogo teórico entre a Análise de Discurso, a psicanálise e a gerontologia, permitindo-nos vislumbrar diferentes campos do saber.

Vale salientar que o trabalho interdisciplinar não elimina a diversidade dos conhecimentos, dos métodos e dos procedimentos, mas respeita a variedade na totalidade do saber existente e ainda a ser produzido (MATOS, 2005).

Este trabalho consta de três capítulos. O capítulo 1 refere-se à **fundamentação teórica**. O item 1.1 traz **considerações sobre o discurso a partir da corrente de análise de discurso fundada por Michel Pêcheux**. Nesse item, observaremos que a Análise do Discurso tem como pressuposto o discurso como acontecimento e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre a língua e o discurso; no entanto, a língua é condição de possibilidade discursiva (PÊCHEUX, 1997). Ainda nesse capítulo mostraremos o apelo à psicanálise, uma vez que foi na terceira fase de Pêcheux que esse apelo à psicanálise foi mais problematizado, pois a partir dessa doutrina sustentou-se a tese de incompletude/equivocidade do sujeito e do sentido. Assim Pêcheux recorre à psicanálise por conta da sua noção de sujeito no qual esse se constitui na/pela linguagem.

Ainda no capítulo 1, item 1.2, temos como fundamentação teórica as **considerações sobre o envelhecimento, velhice e idoso** encontradas na literatura estudada. Finalizando este capítulo, item 1.2.1 focalizamos **a velhice na contemporaneidade**, onde enfocaremos a desvalorização do velho em função do acentuado apelo atual ao consumismo e da idealização do corpo, o que pode mascarar o verdadeiro sentimento da velhice, não dando oportunidade para que o próprio idoso a vivencie.

O capítulo 2, **Aspectos Metodológicos**, concebe a caracterização dos sujeitos, os procedimentos adotados na pesquisa e demais considerações metodológicas, tendo em vista o objetivo desse trabalho. No capítulo 3,

Análise e Discussão dos resultados, apresentaremos a análise dos dados obtidos, alicerçados no marco teórico aqui apresentado. Enfim, nas **Considerações Finais**, retomaremos os objetivos específicos do estudo, formulando proposições a partir da interpretação dos resultados e da articulação teórica.

1.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Considerações sobre o discurso a partir da corrente de análise de discurso fundada por Michel Pêcheux

Para o estudo do discurso, nos debruçamos na perspectiva Pecheuxtiana, uma vez que esse autor se dedicou a pensar nos efeitos de sentido no discurso, fazendo emergir novos procedimentos de análise a partir da consideração da heterogeneidade e equivocidade do sujeito e do sentido.

A perspectiva de discurso adotada pela Análise de Discurso carrega atualmente uma grande quantidade de enfoques marcados pela diversidade. De maneira geral, é possível encontrar na literatura, sob o nome de Análise de Discurso, duas perspectivas distintas: a anglo-saxônica e a francesa. O ponto que as diferencia, como assinala Teixeira (2005), é o modo como uma delas considera o sujeito e sua relação com a linguagem.

A perspectiva anglo-saxônica coloca o sujeito em uma posição de exterioridade em relação à linguagem. Já a perspectiva francesa acredita na opacidade da linguagem, mas não crê na exterioridade do sujeito em relação à linguagem. Assim, a exterioridade não pode ser tratada como estando fora da língua. A partir disso, Pêcheux se esforça para não fazer da exterioridade algo que de fora determina o sentido do discurso. Ele recorre ao Materialismo Histórico e à Psicanálise a fim de defender a idéia de que “o dizer escapa sempre ao enunciador” (TEIXEIRA, 2005, p. 24).

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) é um dispositivo de análise, pois considera a opacidade da linguagem, ou seja, a linguagem não é transparente, não é apenas aquilo que está sendo dito; é permeada, também, pelo não dito. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. É nesse sentido que a AD, considerando a linguagem opaca, abre a possibilidade de interpretar dando margem a vários sentidos. Em relação ao

sentido, Pêcheux, desde o início, afirma que esse toma forma no encontro entre a língua, o sujeito e a História.

De acordo com Malidier (1994) a Análise de Discurso surge através de dois intelectuais: Jean Dubois e Michel Pêcheux. O primeiro era um lexicólogo envolvido com os empreendimentos da lingüística; o outro era um filósofo ligado aos debates em torno do marxismo, da psicanálise e da epistemologia. Foi esse encontro intelectual entre um lingüista e um filósofo que permitiu ao homem estabelecer as bases materialistas para as práticas da linguagem, tendo a lingüística e o marxismo presidido esse projeto.

O quadro epistemológico para a Análise de Discurso desenvolvido por Pêcheux apresenta-se como a articulação de três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (LEITE, 1994).

É importante reiterar que os conceitos que a AD traz das outras disciplinas (psicanálise, Marxismo e Materialismo Histórico) ao se integrarem ao corpo teórico do discurso, deixam de ser aquelas noções com os sentidos originais e se ajustam à especificidade e à ordem própria da rede discursiva (FERREIRA, 2007).

O projeto de Pêcheux passa por diferentes etapas que compreendem desde seu processo de construção, como dispositivo de análise ou como teoria do discurso, perpassando por momentos de grandes questionamentos, até chegar a um terceiro momento, no qual ele aborda a questão do efeito do sentido, onde a convocação da psicanálise é mais problematizada (TEIXEIRA, 2005).

No estudo de Teixeira (2005) fica claro que o conjunto da obra Pecheuxtiana não oferece sínteses acabadas, mas inúmeras interrogações decorrentes de uma reflexão que se faz no diálogo com outras disciplinas. Essa

característica faz com que a AD tenha um percurso no qual seja possível uma contínua evolução teórica. Assim, a AD sofreu grandes reformulações, agrupadas pelo próprio Pêcheux em três épocas.

Pêcheux denomina a primeira época da análise de discurso de AD1, caracterizando-a pela exploração metodológica da noção de maquinaria discursiva estrutural. Ele concebe o processo de produção discursiva como “[...] uma máquina autodeterminada e fechada em si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos” (PÊCHEUX, 1997, p.311).

Nessa época, há o aparecimento das noções de processos discursivos, processos de produção do discurso e condições de produção, essa última considerada como fundamental para o entendimento da AD. As condições de produção são formações imaginárias que se apresentam como relação de força, referente ao lugar de onde fala o sujeito, relação de sentido, derivada do fato de que não existe um discurso único e a antecipação, maneira como é feita a interpretação pelo interlocutor (ORLANDI, 2000).

Assim, as condições de produção compreendem os sujeitos e as situações em que se encontram. Elas estão relacionadas com o homem na sua história. É por isso que AD1 se preocupa com a linguagem e a sua exterioridade.

A concepção de língua que permeia essa posição teórica é de uma língua natural (no sentido lingüístico da expressão), consistindo na “base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos” (PÊCHEUX, 1997, p. 311). Em suma, a AD1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa e restrita. Como assinala Teixeira (2005), apaga o sujeito, privilegia sobremaneira o vocabulário empregado e “um saber não-lingüístico do analista, um saber histórico independente do discurso”. Por essa razão que leva a análise se concentra no parafraseamento do texto.

Vale registrar, já na primeira fase da AD, o questionamento do autor sobre o papel do analista do discurso em relação ao discurso analisado: “o objeto de análise não está conceitualmente definido como o elemento de um processo do qual é preciso construir a estrutura, esse objeto permanece como objeto de desejo” (PÊCHEUX, 1993, p.67). Nessa proposição já se percebe, implicitamente, o viés psicanalítico. Em suma, Pêcheux busca uma análise de discurso que se desloque da forma-sujeito para a de um sujeito desejante.¹

A segunda época, AD2, tem início com a obra de Pêcheux - *Les vérités de la Palice* – onde ele constrói uma teoria do discurso. A proposta do autor é que a relação língua/ exterioridade seja resolvida além do aspecto dicotômico de Saussure. Para ele, o modo como as palavras fazem sentido na AD tem correlação com a língua, o sujeito e a história (PÊCHEUX, 1993).

A AD2, segundo o próprio Pêcheux, é muito pouco inovadora. Ela consiste num deslocamento teórico resultante de um novo olhar sobre as relações entre as máquinas discursivas estruturais. Essas relações são compreendidas como forças desiguais entre processos discursivos, exercendo, portanto, uma influência desigual umas sobre as outras.

Nessa época, a incorporação dos conceitos de Formação Discursiva (FD), de Michel Foucault, começa a aniquilar a noção de “máquina estrutural fechada”, visto que uma FD não se constitui por um espaço estrutural fechado, na medida em que comporta elementos originários de outras FDs (PÊCHEUX, 1993).

Ainda, nessa época, é forjada a noção de interdiscurso - destacada no processo de dessubjetivação da linguagem: em que o sentido de um texto nunca pode estar declarado *a priori* pelo seu autor, mas é antes o resultado das relações complexas dos usos da linguagem com as formações discursivas - para nomear o exterior específico de uma FD, conserva-se, porém, o fechamento da maquinaria (TEIXEIRA, 2005).

¹Segundo Pêcheux (1997), considerar a relação forma-sujeito leva a um pessimismo, expulsa o desejo, onde não há sintonia, inibição, angústia, riso e poesia.

Em decorrência disso, o sujeito é compreendido apenas como puro efeito da maquinaria da FD, com a qual ele se identifica, sendo descartado o sujeito da enunciação. Nesse ponto que Pêcheux afirma haver uma falha em sua teoria, pois o seu sujeito não é o sujeito do inconsciente e sim, do eu (TEIXEIRA, 2005).

O conceito de Formação Discursiva é importante, tendo em vista que é a partir dele que se compreende o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia. Determina o que pode ser e deve ser dito de acordo com a posição sócio-histórica (BRANDÃO, 1996).

Teixeira (2005) assinala que Courtine (1981) reflete sobre a identidade da FD, mostrando que essa, deve ser entendida como uma realidade heterogênea. Assim, acrescida dessa característica, a FD possibilita que a AD se volte na direção da heterogeneidade discursiva. Essa direção é ratificada quando Pêcheux conhece Authier-Revuz e é influenciado pelo conceito de heterogeneidade.

Após a explanação das duas primeiras épocas da AD, elencadas por Pêcheux, o que se considera como exterioridade, em sua teoria, são os conceitos de formações discursivas e as condições de produção, que mesmo depois de revistos são responsáveis pelo fracasso de uma análise voltada para a heterogeneidade (MALDIDIER, 1990).

A AD na terceira época, AD3, se propõe abordar o estudo da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos, assim como dos pontos de vistas e lugares enunciativos no fio intradiscursivo. Assim, o trabalho do interdiscurso vai em direção ao intradiscurso. Nessa perspectiva, os últimos textos de Pêcheux estão voltados para a idéia de que é no fio intradiscursivo que o sentido insiste (TEIXEIRA, 2005). A noção de heterogeneidade representa, em AD, uma ruptura fundamental com princípios arraigados no campo da linguagem: a concepção de um sujeito onipotente, ideal, portador de um discurso homogêneo.

A AD-3 é caracterizada pela emergência de novos procedimentos em função da desconstrução das maquinarias discursivas. Pêcheux não chega a desenvolver uma análise crítica dessa época, pois que estava ainda mergulhado nela; porém levanta alguns elementos que servem como referências, a exemplo de:

1. O primado da alteridade (heterogeneidade discursiva) conduz a crise da noção de máquina discursiva estrutural ao limite máximo;;

2. A prática de AD por etapas com ordem fixa termina definitivamente.

Pêcheux tinha, nesse momento, muitas interrogações, que, em parte, concerniam ao sujeito da enunciação. Mas, segundo Teixeira (2005), essas interrogações eram decorrentes da leitura limitada que Pêcheux fez dos estudos de Lacan, descrita em *Verités de la Palice*. Tal observação lhe leva a propor que seja repensada a inserção da psicanálise, considerando o sujeito do inconsciente.

Assim, nessa terceira época da AD, abre-se a possibilidade de tratar da questão da incompletude do sentido. Sob essa perspectiva, buscaremos, neste trabalho, elementos para compreender como se produz o sentido no discurso, levando em conta um sujeito que falha em dizer, porque as palavras escapam a seu domínio, ou seja, da equivocidade do sentido (e do sujeito) a fim de apontar indícios do inconsciente no discurso do idoso no qual implica a sua singularidade (TEIXEIRA, 2005).

Ao considerar o atravessamento pela psicanálise, mais problematizada na terceira época da AD, Teixeira em seu texto *Análise de Discurso e Psicanálise* afirma que não é no intuito de buscar uma complementação em relação à lingüística ou à teoria do discurso que a psicanálise é convocada a intervir, mas sim quando se considera o objeto língua constituído por uma *falta* que a lingüística não deu conta. Dessa forma, a AD recorre à psicanálise por conta da sua noção de sujeito, à medida que o sujeito se constitui na/pela linguagem, assim, não pode exercer controle sobre sua linguagem.

Pelo que foi exposto acima, ficou clara a necessidade de uma leitura sobre a psicanálise, principalmente da obra lacaniana. Lacan desenvolve uma leitura própria da obra de Freud onde o inconsciente é estruturado como uma linguagem construída com bases na proposta saussuriana que distingue significante e significado.

Contemplando a releitura da obra freudiana, Lacan retoma a noção de estrutura e significante de Saussure, recorrendo também à dialética de Hegel, com sua investigação direcionada ao esclarecimento do conceito de sujeito, orientando seus objetivos, na teoria psicanalítica, para o sujeito do inconsciente quando estruturado como linguagem (LACAN, 1998).

Lacan, em sua teoria, procura entender os efeitos da linguagem na constituição psíquica. Segundo ele, o homem se diferencia de outros animais através da linguagem; isso acontece pela relação, por ele denominada de especular, entre a figura materna e a criança no momento em que se fundem o eu e o tu.

A relação especular representa a primeira intervenção lacaniana na teoria psicanalítica; refere-se ao período anterior à linguagem na infância, quando ocorre a alienação do sujeito pela imagem, onde ele se vê atraído pela imagem estranha e, ao mesmo tempo, sua (o duplo do eu), conferindo ao sujeito a função do processo de projeção (do outro eu) e, em seu desconhecimento de si próprio, na ilusão do espelho, o sujeito apreende uma aparente estabilidade, uma vaga referência ao real. Dessa forma, “o sujeito se vê suspenso ao seu próprio olhar, como a uma espécie de duplo marcado com o selo do olhar do outro” (KAUFMANN, p.159, 1996).

Ultrapassando a posição imaginária do outro especular, Lacan propõe um Outro (grande outro) pertencente ao simbólico. O Outro, para Lacan, é o lugar da fala. O autor considera que o interdito do desejo da criança pela mãe é

metaforizado pelo Nome-do-Pai², e a figura do pai é justamente pensada como detentor do falo³.

Não obstante, esse Outro é aquilo para o qual a linguagem significa. E para que haja essa possibilidade de linguagem, Lacan (1998) define três tempos: no primeiro, o Outro é desejável; no segundo, o Outro também deseja e, no terceiro tempo, tanto o outro quanto o Outro são desejantes. Assim, traz Lacan (1998, p. 828): “é com o desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma, antes de mais nada, somente guardando uma opacidade subjetiva, para representar nele a necessidade”.

Nos estudos de Lacan, encontra-se uma disposição geográfica e de interpretação diferenciada de Saussure na relação entre significante e significado, pois, para o primeiro autor, o significante representa o desejo, não devendo, portanto, ser visto em sua relação de valor como propôs o segundo, nem tampouco o significado do significante pode ser definido pelo modo lingüístico que corresponde a uma representação psíquica do som. Em suma, para Saussure, o significado se sobrepõe ao significante, proposição invertida em Lacan, que considera a supremacia do significante sobre o significado.

Ainda em Lacan (1998), os significantes se associam aos significados através de uma seqüência de signos. A metáfora paterna pode exercer uma força de atração que se liga à força de repulsão que posteriormente se transforma em significante inconsciente. Contudo, em algumas circunstâncias, esse significante (inconsciente) aparece à revelia do sujeito na forma de equívoco, através de estruturas metafóricas⁴ e metonímicas⁵. Os lapsos,

² Lacan afirma que o Nome-do-Pai, age como metáfora veiculada pela mãe, instaura a lei que é a ordem da linguagem e constitui o sujeito. Marca os limites da subjetividade, inaugura uma lei que é primordial e sobrepõe a cultura à lei da natureza. (LACAN, 1998)

³ O falo quer dizer: “significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos do significado na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante”. (KAUFMANN, 1996, p. 194).

⁴ A estrutura metafórica indica a substituição do significante pelo significado, e é através da ruptura da barra (consciente/inconsciente), lugar do sujeito, que se produz um efeito de significação. Portanto, o sujeito é um feito, lugar que ocupa no inconsciente, como linguagem. (LACAN, 1998)

⁵ A estrutura metonímica indica a conexão do significante com o significado que permite a supressão, através da qual instaura a falta na relação de objeto. Investe a significação do desejo, objetivando a falta que o significante suporta.

portanto, são constituídos de retorno dos significantes recalcados que subvertem a cadeia do discurso.

Esse autor diz que o sujeito, para se instituir, é formado pelas amarras do nó de três registros:

- 1) O Imaginário, como a representação que vem dar sentido ao significante, na organização do estádio do espelho;
- 2) O Simbólico, como fundamentado na noção de cadeia do significante, onde cada elemento da estrutura é uma representação da perda enquanto significante;
- 3) O Real, instaurado pela intervenção do simbólico (representado pela metáfora paterna⁶) que se institui como o impossível – a alíngua.⁷

O surgimento do sujeito na linguagem é constituído pela fala remetida ao Outro, que estabelece um fundamento do método em psicanálise: o inconsciente é o discurso do outro do sujeito, o outro que lhe escapa em razão da divisão do sujeito instituída pela metáfora paterna.

Assim, a teoria lacaniana considera que o sujeito do enunciado não coincide com o sujeito que enuncia. A fala se inicia quando passa à ordem do significante, e esse significante requer outro lugar, chamado por Lacan de lugar do Outro, como testemunha, para que a fala do significante possa colocar-se como Verdade. Dessa forma, conclui-se que a subjetividade é o efeito da cadeia de significantes (LACAN, 1998).

Nessa perspectiva, essa teoria baseia-se na escuta da fala enquanto sentido para as funções do indivíduo, abrange um campo para além do sujeito do discurso, opera na história que se institui na contingência da verdade no real (LACAN, 1998).

⁶ Lacan afirma que o Nome-do-Pai, age como metáfora veiculada pela mãe, instaura a lei que é a ordem da linguagem e constitui o sujeito. Marca os limites da subjetividade, inaugura uma lei que é primordial e sobrepõe a cultura à lei da natureza. (LACAN, 1998)

⁷ O conceito de alíngua foi criado por Lacan em 1972 para se referir a uma língua materna, que tem a ver com a função materna de falar ao sujeito antes que ele possa fazê-lo por si.

Após a explanação de alguns pontos da obra psicanalista de Lacan, é importante ressaltar que a proposta de Pêcheux na AD é compatível com a teoria lacaniana, em que o registro do simbólico é pensado como uma ordem afetada pelo real e, por isso a linguagem é: não - fechada, incompleta, não - toda.

A AD é atravessada pela psicanálise, procurando surpreender os pontos em que a rede de sentidos relativamente estável que constitui o discurso - o *sempre-já-aí* (o pré-construído) – é desestratificado pelo equívoco que atravessa o acontecimento. Assim, é no conceito de acontecimento que Pêcheux também se aproxima da psicanálise. O conceito de acontecimento busca um sentido no entrelaçamento do passado com o presente, mas sem se tratar de remeter a palavra a um “passado” que daria conta dela (PÊCHEUX, 2002).

Ainda no diálogo entre a AD e a psicanálise, Pêcheux define o sujeito como desejante, isso implica em aceitar a impossibilidade de simetriação, dada à ingerência do real como impossibilidade, isto é, como o que causa a fenda no simbólico, que provoca deslocamentos no tangente à língua, à enunciação, à historicidade, cujo impacto no entendimento da noção de *sentido* em análise de discurso é nuclear.

Desta forma, a AD apela para abordagens contemporâneas, oriundas da Lingüística e da História inspiradas pela psicanálise. A saber: as abordagens propostas por Jean Claude Milner e Jacqueline Authier-Revuz dentro do campo da Lingüística e a abordagem Michel de Certeau em História.

Levaremos em consideração, nesse momento, as propostas de Milner e Authier-Revuz, autores que prosseguiram os estudos na Análise de Discurso Pecheuxtiana na tentativa de preencher a lacuna deixada por ele em sua terceira época.

Nessa perspectiva, Jean Claude Milner (1987), interessado em estudos na área da psicanálise, recorre ao conceito de alíngua, como algo que falta na

Lingüística, pois há algo que suporta a língua. Assim, a alíngua é aquilo que não se inscreve, que não se representa.

A alíngua confere à língua o estatuto de não-todo, já que nela algo falta. Trata-se de uma falta que se reconhece no equívoco, ou seja, no que escapa ao sujeito como lapso, ato falho ou chiste (MILNER, 1987). Vale salientar que Pêcheux adere à reconfiguração do objeto língua tal como a propõe Milner em *La Langue introuvable* (1981) que escreve com Françoise Gadet.

Ainda em relação à lingüística, no campo específico da enunciação⁸, começam a aparecer as primeiras formulações de J. Authier-Revuz sobre os processos discursivos. E é o trabalho dessa autora que anuncia a problemática da heterogeneidade.

Authier-Revuz (1998), desenvolve seus estudos seguindo duas vertentes: a psicanálise lacaniana e o dialogismo de Bakhtin. Da teoria Bakhtiniana, a autora busca as reflexões sobre o princípio do dialogismo, focalizando o lugar que o autor confere ao outro no discurso; da psicanálise, interessa-se pela abordagem em torno de um sujeito produzido pela linguagem, “estruturalmente clivado pelo inconsciente” (p.17). Nessa pesquisa, apenas serão discutidos aspectos relacionados à psicanálise lacaniana.

A autora supracitada dedica-se a compreender como se produzem os enunciados, desenvolvendo seus estudos no terreno da enunciação. Dentro desse terreno, a autora faz uma reflexão sobre as questões de interlocução, intersubjetividade, tempo e lugar, uma vez que a lingüística, através dos estudos semânticos nessa área deixou uma grande lacuna.

Essa autora recorre ao conceito de sujeito desenvolvido por Lacan porque permite pensar a heterogeneidade e equivocidade de sentido. A reflexão da autora se constrói em torno de um eixo central, que diz respeito ao fato de que a palavra – supostamente capaz de carregar em si uma intenção consciente que possibilita a comunicação efetiva – frequentemente “erra o

⁸ Na teoria da Enunciação encontram-se trabalhos que estudam fatores e atos que produzem o enunciado (TEIXEIRA, 2005).

alvo”, tropeçando, falhando, de modo a quebrar a continuidade lógica do pensamento e dos comportamentos do dia-a-dia (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Essas “falhas”, geralmente atribuídas ao acaso, estabelecem rupturas no discurso, levando o falante a interromper o fluxo considerado “normal” da conversa para pedir desculpas, tentar reformular, apagar ou diluir seus efeitos. Nessa perspectiva a psicanálise considera que os desvios na fala, sob o termo amplo de *atos falhos*, se apresentam na forma de lapsos, falsa leitura, falsa audição, esquecimentos, descumprimento de uma intenção, perda, certos erros (KAUFMANN, 1996, p. 55).

Assim, Authier-Revuz propõe a teoria da heterogeneidade enunciativa. Ela se refere a um heterogêneo absoluto, um Outro radical que afeta a enunciação, ao qual nenhuma representação pode atribuir papel num diálogo interno do dizer, como acontece na teoria polifônica de Ducrot⁹:

A abordagem ducrotiana promove uma espécie de “proteção” do objeto contra a contaminação externa, um reforçamento de fronteiras, que vem restaurar a homogeneização (imaginária) de um campo que é heterogêneo em sua essência. Authier-Revuz ressalta o caráter fantasmático dessa pretensão à “pureza lingüística” (TEIXEIRA, 2005, p. 138)

A partir do que foi dito anteriormente sobre o percurso de Authier-Revuz, destaca-se a relação do sujeito com a língua, construindo sua pesquisa com base no reconhecimento do que foi exteriorizado na construção lingüística: os indícios do outro (inconsciente) na enunciação.

Em seus estudos dentro da enunciação, essa autora propõe considerar tanto as coincidências quanto as não-coincidências do dizer. Partindo desse pressuposto serão descritas, a seguir, as quatro formas de não-coincidências do dizer que serão abordadas em nossa análise:

⁹ Ducrot aparece aqui para ratificar a importância dos estudos de Authier-Revuz acerca da heterogeneidade enunciativa.

1. Não-coincidência interlocutiva entre o enunciador e o destinatário: indica que uma palavra, uma maneira de dizer e um sentido não são, de modo algum, partilhados pelos dois protagonistas da enunciação;
2. Não coincidência do discurso com ele mesmo: indica no próprio discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso. Nesse caso, trata-se de uma *interdiscursividade mostrada*, pela qual o enunciador se encontra com o fato incontornável de que o sentido do que diz se constrói em outro lugar: no campo que escapa à intencionalidade consciente;
3. Não-coincidência com as palavras e as coisas: presente nas hesitações, nas parafasias, mas que mostra a finitude do sistema lingüístico e sinaliza para a impossibilidade de captura do objeto pela letra;
4. Não-coincidência das palavras com elas mesmas: refere-se às situações de polissemia e homonímia, em que ao enunciar, o sujeito procura o sentido para a palavra a ser dita, excluindo outros. Aponta para o real da língua – alíngua.

Como visto anteriormente, é na proposta de Milner e de Authier-Revuz sobre os processos enunciativos que Pêcheux encontra o ponto de ancoragem para as transformações profundas que afetam a AD. A partir disso, Authier-Revuz (1998, p.135) sintetiza os principais aspectos dessas transformações:

a) A promoção da seqüência em sua singularidade como objeto da AD, conferindo-se à materialidade do fio do discurso, às manifestações concretas da enunciação, um peso que não lhes era antes conhecido, em virtude de ser ela tomada como um “espaço imaginário”; b) A ruptura- irreversível a partir do questionamento da noção de formação discursiva- com a concepção homogênea do discurso que prevalecia na primeira AD, em favor de uma heterogeneidade fundante do discurso e da seqüência.

Pelo que foi exposto acima, observamos a problematização e a evolução da Análise de Discurso, a partir de sua preocupação com o método e de suas discussões sobre o acontecimento e sobre o estatuto do sujeito na linguagem trazendo contribuições fundamentais para a constituição da AD.

Ao conceber o discurso como uma instância inteiramente histórica e social, Pêcheux rompe com o “narcisismo da estrutura”, demonstrando que a linguagem, vista como discurso, não pode ser compreendida como uma unidade significativa, mas como um efeito de sentido entre os sujeitos que a utilizam e suas ideologias.

Tanto Malidier (1990) como Leite (1994) e Teixeira (2005) afirmam que Pêcheux considerou que os desenvolvimentos teóricos supracitados concernentes à heterogeneidade enunciativa conduzem, ao mesmo tempo, a consideração das formas lingüístico-discursivas do discurso - outro:

a) Discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito colocando em cena como um outro; b) Mas também e, sobretudo, a insistência de um além interdiscursivo que vem, aquém de todo controle funcional do “ego-eu”, enunciador estratégico que coloca em “sua” seqüência, estruturar esta encenação (nos pontos de identidade nos quais o “ego-eu” se instala) ao mesmo tempo em que a desestabiliza (nos pontos de deriva que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa) (PECHEUX, 1993, p.316 e 317)

Nesse terceiro momento da AD, Pêcheux procura compreender como se constrói o sentido no discurso, levando-se em consideração um sujeito que falha ao dizer, porque as palavras lhe escapam. A falta constitui o sujeito e o sentido. Dessa forma, toda descrição do sentido no discurso está intrinsecamente exposta ao equívoco.

Enfim, como assinala Teixeira (2001), a partir das interrogações deixadas por Pêcheux em sua terceira época, o analista tem o desafio de construir novos procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito, a partir da consideração da heterogeneidade e equivocidade do sujeito e do sentido. E é a partir desse olhar que este trabalho é instigado.

1.2 Considerações sobre envelhecimento, velhice e idoso:

Desde as civilizações mais antigas procura-se compreender a velhice e todas as modificações decorrentes do avanço da idade. Nos períodos que se seguiram, também surgiram novas teorias para explicar e justificar tal processo, variando a maneira de conceituar o envelhecimento e a aceitação da velhice.

Assim, esse item enfoca as teorias e os conceitos existentes acerca do envelhecimento e os termos: velhice/terceira idade e velho/idoso. Esses termos precisam estar bem definidos para o estudo com idosos, pois eles são vistos de formas distintas pela Gerontologia¹⁰. Algumas concepções referentes ao idoso, como as de Mucida (2006), estarão também situadas dentro do campo da psicanálise.

Atualmente, verifica-se, por meio de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹¹, que está ocorrendo um crescimento da população idosa como consequência da diminuição da taxa de mortalidade e declínio da natalidade. Essas transições afetam diretamente, e de forma significativa, a estrutura etária da população e, conseqüentemente, intensificam os problemas de uma determinada sociedade, uma vez que é preciso que a sociedade esteja preparada para atender as necessidades dessa população.

Segundo Santos (2004), o envelhecimento pode ser definido como um processo dinâmico e progressivo em que há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam a perda progressiva da capacidade de adaptação do sujeito ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo a morte. Outros autores, como por exemplo Gamburgo (2003), consideram o envelhecimento um processo que ocorre durante o curso de vida do ser humano, iniciando-se com o nascimento e terminando com a morte.

¹⁰ A Gerontologia é o conjunto de conhecimentos científicos aplicado ao estudo do envelhecimento humano, nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais. (SANTOS, 2004)

¹¹ Informação retirada do site do IBGE (www.ibge.gov.br).

O processo de envelhecimento provoca no organismo modificações biológicas, psicológicas e sociais; porém é na velhice que esse processo torna-se mais claro. As modificações biológicas caracterizam-se pelo aparecimento de rugas e cabelos brancos, entre outras; as fisiológicas estão relacionadas às alterações das funções orgânicas; as bioquímicas estão diretamente ligadas às transformações das reações químicas que se processam no organismo (SANTOS, 2004).

Em relação às mudanças biológicas, as pesquisas têm demonstrado, entretanto, que essas mudanças não devem ser encaradas como doenças. Hábitos de vida, condições de moradia, emprego e saúde interferem na qualidade de vida e geram um perfil diferenciado de envelhecimento. A motivação, a educação e a cultura favorecem os processos cognitivos, motores, sensoriais e intelectuais. Ocorre, também, a diminuição do potencial biológico e o aumento da necessidade de utilização dos recursos psicológicos, sociais e materiais oferecidos pela cultura, para compensar tais perdas (BALTES, 2000).

As modificações psicológicas ocorrem quando, ao envelhecer, o ser humano precisa adaptar-se a cada situação nova no seu dia-a-dia. Já no que diz as modificações sociais, as relações sociais se alteram em função da redução da produtividade e, principalmente, do poder econômico, sendo a alteração social mais evidente em países de economia capitalista (SANTOS, 2004).

Nessa perspectiva observamos teorias do envelhecimento, estudadas pela gerontologia, que podem ser classificadas como: biológica, psicológica e sociológica. A primeira explica o processo de envelhecimento físico, em que há mudanças no corpo que vão desde as alterações molecular e celular até a habilidade do corpo para resistir às doenças e as condições do ambiente. A teoria biológica determina, ainda, como, ao passar do tempo, as pessoas diferem no corpo físico e quais os fatores que afetam o envelhecimento e a longevidade.

A segunda teoria, por sua vez, enfatiza as mudanças de comportamento nos papéis sociais ao longo da vida. E a terceira teoria trata das questões referentes ao processo no qual o sujeito adquire condutas, crenças e valores que são avaliados em seu contexto social, seja na família ou no grupo social a que pertence (RODRIGUES, MARQUES; FABRÍCIO, 2000).

A partir da exposição das três teorias, estudadas pela gerontologia, este trabalho se aproxima mais da terceira teoria, uma vez que nosso objetivo é analisar o discurso sobre a velhice, assim acreditamos que o discurso do idoso carrega seu valor, sua crença, influenciado pelo meio social em que ele está inserido.

Atualmente existem pesquisas que referem o envelhecimento como processo fluido, recíproco, que pode ser acelerado, reduzido, parado por algum tempo e até mesmo revertido, ou seja, o processo de envelhecimento pode ser reformulado quando se utiliza, de forma adequada, a conexão mente e corpo e quando se considera o valor da alimentação e a importância da relação com o mundo exterior.

Esses estudos, realizados nas últimas três décadas, têm comprovado que o envelhecer é muito mais dependente do próprio ser humano do que se observou em épocas passadas; portanto, o processo de envelhecer é encarado de formas diferentes entre as pessoas. Partindo dessas reflexões, o envelhecimento é considerado um processo universal, que não afeta só o ser humano, mas a família e, a comunidade, tendo a velhice como sua última fase.

À procura de um modelo teórico de envelhecimento bem sucedido, Baltes (2000) sugere que: a) o curso do desenvolvimento apresenta variabilidade individual; b) existem diferenças importantes entre envelhecimento normal, ótimo e patológico; c) durante o envelhecimento fica resguardado o potencial de desenvolvimento; d) os prejuízos deste período podem ser minimizados pela ativação das capacidades de reserva para o desenvolvimento; e) as perdas cognitivas podem ser compensadas por ganhos no domínio da inteligência prática; f) com o envelhecimento, o equilíbrio entre ganhos e perdas torna-se menos positivo; g) os mecanismos de auto-regulação

da personalidade mantêm-se intactos em idade avançada (SILVA; GUNTHER, 2000).

Há ainda conceitos de envelhecimento dos próprios idosos, mencionados nos estudos de Rodrigues, Marques e Fabrício (2000) nos quais o envelhecimento é caracterizado pelas mudanças da imagem corporal, pelo aparecimento das dificuldades de ordem física e até mesmo pelas alterações de memória.

Outros conceitos importantes no campo da gerontologia e que devem também estar bem definidos para os estudiosos dessa área são os de velhice e idoso.

Em seu estudo dentro da gerontologia, Santos (2004) afirma que a velhice deve ser entendida como a última fase do processo humano de envelhecer pois a velhice não é um processo como o envelhecimento, é antes um estado que caracteriza a condição do ser humano idoso. Assim, podemos concluir que o envelhecimento é o processo, a velhice é o estado e o idoso é o ser da velhice.

Em relação aos idosos, os valores atribuídos a eles dependem do contexto social e cultural de cada civilização. No que se refere a esses léxicos classificatórios (velhice/de terceira idade, velho/idoso), no século XIX, na França, o termo velhice caracterizava, essencialmente, as pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiro, designando-se, mais precisamente, como velho, *vieux*, ou velhote, *vieillard*, o indivíduo que não tinha *status* social, enquanto o idoso - *personne âgée* – referia-se a quem vivia socialmente bem.

Reportando-se ao século XVIII, vê-se que a palavra velhice não possuía conotação pejorativa, sendo empregada para designar todo aquele que dispunha de bom poder aquisitivo e cuja imagem se associava a bom pai ou a bom cidadão. Observa-se, por conseguinte, que a velhice daquele tempo só existia para aqueles que estavam situados na camada mais rica da sociedade e podiam vender sua força de trabalho (PEIXOTO, 1998).

De acordo com Peixoto (1998) o aparecimento de novas políticas sociais e mudanças na estrutura social, fizeram com que fossem elevadas as pensões, fazendo aumentar o prestígio dos aposentados. Nessa ocasião, esses termos sofreram alterações, e voltou-se um novo olhar para a pessoa velha. Surgiu, assim, a expressão terceira idade, designando, principalmente, envelhecimento ativo e independente, mostrando, então, essa nova etapa da vida - um novo ciclo entre a aposentadoria e a velhice.

No Brasil, não existe designação específica para tais expressões, que passaram a ser utilizadas em pesquisas na área da gerontologia e também no vocabulário cotidiano, algumas vezes com conotação depreciativa. Entretanto, a resposta a qualquer tipo de questão sobre velho ou velhice depende de como ela é feita e a quem é direcionada; não existe uma resposta única, porque o fenômeno da velhice tem múltiplos significados, contextualizados por fatores individuais, grupais e socioculturais (NERI, 1991).

O que a literatura afirma é que o conhecimento científico, também contextualizado por esses fatores, desempenha um papel fundamental na atribuição de significados a esse objeto, à medida que justifica, explica e legitima determinadas práticas e atitudes em relação à velhice (NERI, 1991).

O termo velho, portanto, nem sempre é considerado na sociedade atual, tanto que o senso comum utiliza os mais variados significantes para designar esse grupo da população (velho, idoso, de terceira idade, dentre outras), não havendo a preocupação de se ajustar uma expressão adequada e única para designar as pessoas pertencentes à faixa etária de 60 anos ou mais (BEAUVOIR, 1990), prevalecendo o mito de considerar a velhice como sinal de fragilidade, decadência e/ou dependência.

Mas, para este trabalho, utilizaremos o termo idoso em referência ao ser da velhice, pois consideramos que esse conceito é o mais adotado pela literatura estudada e o que carrega consigo, uma menor conotação depreciativa, uma vez que o termo idoso vem se referindo, ao longo desse trabalho, às pessoas ativas e participativas, como considera o programa de idosos (PAI) que este trabalho aborda.

Na obra *A Velhice*, Simone de Beauvoir (1990) parte de dados históricos e etnográficos importantes, traçando diferentes momentos históricos, em diferentes culturas, passando pela literatura, pelas artes e pela filosofia, a fim de recolher traços daquilo que definiria a velhice. Ao demonstrar como é difícil dizer quando se envelhece e o que se constitui no envelhecimento/velhice, e mesmo prevalecendo em sua obra uma visão negativa diante da mesma, essa autora não deixa de indicar algo que, do ponto de vista psicanalítico, parece-nos interessante: o real na velhice e os efeitos da cultura sobre ela.

Mucida (2006) coloca em questão duas observações interessantes. A primeira diz que o sujeito vê o seu envelhecimento, sua velhice, pelo olhar do Outro ou, como segunda observação, o sujeito se vê pela imagem que o Outro lhe devolve. Assim, não existe para o sujeito algo tocável sinalizando sua velhice, pois velho é sempre o Outro.

Fernandes (1997) alerta que é desejável respeitar os direitos intangíveis e intocáveis do cidadão idoso, quais sejam, equidade no tratamento, processos que combatam qualquer tipo de discriminação, direito à autonomia, direito à dignidade respeitando sua imagem, assegurando-lhe aspectos que garantam satisfação de viver a velhice. Para Beauvoir (1990, 2004, p.8) “a velhice é o que ocorre aos seres humanos que ficam velhos. O velho é aquele que passa por mudanças e que mesmo enfraquecido, ou exilado no seu tempo, permanece sempre o mesmo ser humano”.

A percepção de Morin (1999) sobre a velhice é de que o ser humano, rejeitando a morte como rejeita, tende a rejeitar também a velhice, talvez por ser a fase da vida que mais se aproxima da morte.

Numa reflexão de Martins (2002) sobre a velhice, a mesma pode ser conceituada de maneira abstrata, pois é caracterizado socialmente para representar o período em que os seres humanos, encontram-se velhos. Em seus estudos, a autora identificou que, a partir de relatos dos pesquisados (adolescentes, adultos), foi mais fácil definir o velho como aquele que se sente velho e, como idoso, aquele que, mesmo tendo a idade cronológica avançada,

não se sente velho, porque é um ser ativo, participativo. Com essas definições, a autora pôde identificar, através dos idosos, as características da velhice.

Assim, os fenômenos de envelhecimento e da velhice e a determinação de quem seja idoso, muitas vezes, são relacionados de acordo com as restritas modificações que acontecem no corpo. Mas é de se esperar que, ao longo dos anos, ocorram mudanças na forma de agir, sentir e pensar dos seres humanos que passam por essa etapa do processo de viver e todas modificações que ocorrem resultam na condição do ser idoso (SANTOS, 2004).

O idoso é visto de forma diferenciada pelos países desenvolvidos e por aqueles em desenvolvimento. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas, 1982)¹² são considerados idosos, nos países desenvolvidos, os seres humanos com 65 anos de idade e mais. Já nos países em desenvolvimento, são vistos como idosos aqueles com 60 anos e mais. Esta classificação, muitas vezes, não é válida, desde que o ser idoso se considere produtivamente ativo.

O idoso, no Brasil, de acordo com a legislação, é conceituado juridicamente, apenas pelo plano cronológico. Na constituição brasileira há diversos dispositivos legais para a proteção do idoso, mas esses dispositivos ainda são insuficientes para suprir as necessidades desses sujeitos (FARIA, 1996).

Com o objetivo de proteger esse crescente número de idosos, diversas leis têm sido aprovadas. Na realidade, tais leis confirmam a manutenção da imagem do bom velhinho, tranquilo e tolerante. De fato, os idosos continuam despojados de autoridade real uma vez que "... a velhice não pode ser reduzida ao universo da proteção social..." (HADDAD, 1993, p. 13 *apud* SILVA e GUNTHER, 2000) e, em vez de pretensos privilégios especiais, os idosos deveriam ter condições para viver dignamente.

Por conta disso, vale ressaltar um parágrafo único da Constituição Federal em que é cabível a interdição por parente próximo, cônjuge ou mesmo por membro do Ministério Público, que afirma:

¹² Informação retirada do site da ONU disponível em www.onu.com.

No caso de pais que na velhice, carência ou enfermidade ficaram sem condições de prover o próprio sustento, principalmente se despojaram de bens em favor da prole, cabe, sem perda de tempo e até um caráter profissional, aos filhos maiores e capazes, o dever de ajudá-los e ampará-los com a obrigação irrenunciável de assisti-los e alimentá-los até o final de suas vidas (BOBBIO, 1996).

Atualmente, o número de idosos vem crescendo cada vez mais, e neste grupo há aqueles que precisam de uma assistência especial, e, a esses idosos, não é dada a atenção necessária. Ao contrário do que a Constituição Federal expõe, muitas vezes, eles são abandonados pela própria família.

Assim, a velhice encarada como categoria social não esclarece nada a respeito de cada sujeito, uma vez que ela é ainda determinada em cada época e em cada cultura de forma diferenciada; assim, os significantes dados a ela, em cada época provocam no sujeito vários efeitos. Dizer que uma pessoa tem 60, 70, 80 anos, mesmo que isso nos dê algumas indicações relativas aos possíveis aspectos corporais ou sociais, não indica como cada sujeito vivencia tais inscrições a partir de seus traços e do particular de sua história.

1.3 A velhice na contemporaneidade

A velhice na contemporaneidade, traz questões de como é ser idoso na atualidade, inserido numa sociedade de consumo, de idealização do corpo, fatos que parecem mascarar o verdadeiro sentimento da velhice, não dando oportunidade para que o próprio idoso a vivencie.

O que se observa na contemporaneidade é que a velhice se configura como um estágio de declínio e invalidez, bloqueando de forma bastante acentuada a expressão vital do idoso, colocando-o diante de uma “população jovem” extremamente preocupada com o próprio envelhecimento (MESSINA, 2003).

Nessa perspectiva, defrontamo-nos, também, com investimentos que aprisionam e enfraquecem o potencial criativo e a identidade das pessoas. Adjetivos, diagnósticos e títulos podem funcionar como jaulas que inibem e aprisionam o sujeito em desenvolvimento. No processo contemporâneo de aquisição de identidade e desenvolvimento social, nos deparamos com diversos rótulos que definem nossa posição e o nosso valor. Crianças, adolescentes, adultos e idosos passam a viver trancafiados dentro de conceitos que exprimem suas identidades e seus valores perante a sociedade e perante si próprios. Esse aprisionamento, que ganha suporte a partir da cultura, define leis de existência e de bom convívio, traçando, assim, padrões que definem identidades e fragmentam possibilidades de inovação. Dessa forma, o idoso, muitas vezes, não se sente integrado na sociedade (SOUZA, 2004).

Hoje em dia, submersos num processo de globalização onde a ordem é ditada por um capitalismo unilateralista e violento, tentamos nos proteger e garantir nossos lugares, fixando-nos num ideal estético e econômico de massa. Ser jovem, economicamente ativo e cheio de energia para pertencer ao grupo que gera lucro, seria a saída perfeita para adiar, ao máximo, o desengajamento decorrente do envelhecimento (ZEPELLINI JÚNIOR, 2007).

Desta forma, segundo o autor supracitado, estamos inseridos e participando de uma cultura que atrofia a capacidade de mantermos um olhar que se caracterize pela aceitação e continência de uma pluralidade. Um olhar que possibilite encontrar qualidades nas diferenças humanas, nas diferentes fases do desenvolvimento e que não fique aprisionado em um ideal de uma falsa juventude como única fonte de inspiração do mundo.

O artigo de Barros (2004), intitulado “Velhice na contemporaneidade”, relaciona representações da velhice e modernidade. Desenvolve argumentos assentados na idéia de velhice como momento específico da existência humana, que expressa uma construção social forjada pela sociedade moderna no decorrer dos séculos XIX e XX, quando saberes e instituições (pedagogia, psiquiatria, geriatria, escola, hospital, asilo, entre outros) produziram entendimentos e demarcaram disciplina, gerência e controle sobre as classificações etárias (infância, adolescência, maturidade, velhice e terceira idade) e sobre as diferenças de gênero.

No bojo do referido processo histórico, o indivíduo passou a ser considerado como valor social, uma vez que a sociedade moderna também produziu o que se pode designar como ideologia individualista. Conceber o sujeito ancorado na percepção de si mesmo como ser singular é tornar pertinente as idéias de trajetória de vida, ciclo de vida, projeto de vida e percepção de uma memória individual (BARROS, 2004).

Para Barros (2004), no envelhecimento, percebe-se a tendência de se exacerbarem princípios básicos da ideologia individualista, através do processo da responsabilização do idoso por cuidados com sua saúde física e psíquica, o que envolve atividades de lazer, cuidados corporais, busca de sociabilidade e de soluções individuais para seu conforto financeiro, como previdências privadas.

Debert (1998) ressalta que o termo terceira idade preconiza a necessidade de o indivíduo viver essa fase do ciclo de vida de forma dinâmica e traduz a reprivatização da velhice. Mas independente de se utilizar velho/

idoso/ de terceira idade não vai mudar a maneira da sociedade olhar para a pessoa dessa faixa etária.

Segundo Featherstone e Hepworth (1991), através dos olhos da juventude, é possível perceber a velhice como um declínio e, sobretudo, como impossível de ser positivamente valorizada, na medida em que o velho já ultrapassou o ponto máximo do ciclo de vida em relação à capacidade física e psíquica e à perda gradativa da capacidade de controle do corpo e da mente.

De acordo com Messina (2003) são múltiplas as dimensões do problema do envelhecimento no contexto da realidade contemporânea. Vivenciamos hoje uma realidade em que impera a falência de nossas instituições doadoras (família, trabalho, religião, etc), causando um esvaziamento das relações interpessoais, em nome de um neoliberalismo que, na verdade, só produz desigualdade, exclusão, violência, sem falar no empobrecimento do pensamento.

Levados a vivenciar um individualismo exacerbado, nos tornamos órfãos de uma filiação simbólica e nostálgicos de uma autoridade paterna como representante de uma verdade, de um poder, uma vez que a intervenção paterna era apenas a maneira mais comum e a mais eficaz de presentificar para o sujeito as leis da linguagem (LEBRUN, 2004).

Com todas as instituições doadoras supracitadas em crise, não há mais centro que se sustente nas relações contemporâneas e que, conseqüentemente, as sustente por sua vez. Essa realidade é muito diferente da que ocorria nas sociedades tradicionais, onde as estruturas simbólicas de parentesco eram estáveis e conferiam aos sujeitos, ao longo de suas vidas, um nome, um lugar, um destino. Nessas, a velhice tinha um lugar positivo, os velhos ocupavam um lugar de respeito, de sabedoria, e suas produções e histórias, fazeres e dizeres davam significados e sentidos à vida. Hoje, não se conta mais com referências fixas de tempo e de espaço, de presente e futuro. (MESSINA, 2003)

Num sistema capitalista, que cumpre a promessa do sujeito poder contornar o desejo através do acúmulo de bens, não como resposta à suas necessidades, mas pelo valor imaginário que têm numa sociedade de consumo como a nossa. Num sistema onde o prazer está no quanto você possui e gasta, frente ao outro que não tem nada, quem não está incluído nesse circuito de produção e consumo nem é considerado cidadão. Envelhecer dentro desse contexto implicaria, talvez, em ter que acumular bens durante toda a vida, não circular nem gastar, a fim de ter uma reserva como forma de garantir bom poder aquisitivo na velhice?

Na verdade, essa demanda de “ter que gastar” para obter prazer, esse incentivo ao consumo, se consome em sua própria instantaneidade e leva os sujeitos a uma fragmentação, impedindo-os de refletir sobre quem eles são e de se comprometer com seus desejos (MESSINA, 2003).

No estudo de Messina (2003), constatou-se que os avanços tecnológicos instalam continuamente situações paradoxais que produzem efeitos psíquicos na subjetividade dos sujeitos, sem que isso resulte necessariamente numa plasticidade emocional ou num bem estar psíquico para os mesmos. Um exemplo clássico, no caso dos mais velhos, está naqueles que, por não se reciclarem, são deixados às margens do turbilhão digital e ficam ainda em maior desvantagem na disputa do mercado de trabalho.

Assim, os idosos são levados, na maioria das vezes, a uma aposentadoria precoce e, em função da renovação por uma mão de obra jovem e cada vez mais especializada, perdem o lugar. Essa realidade, no entanto, não evita a proliferação, no cotidiano, de um contingente de sujeitos “envelhecidos precocemente”, rejeitados pelo social porque aos 45, 50 anos de idade já estão excluídos do mercado de trabalho (KATZ, 1996 *apud* MESSINA, 2003) e do exercício de suas produtividades.

A velhice dentro desses parâmetros atuais sofre uma remodelação quanto à sua condição e representatividade social, além de ganhar um estatuto negativo e depressivo.

Bobbio (1997) fala da velocidade com que as correntes de pensamento e de idéias se alternam na atualidade e as compara às modas, pelo que ambas têm de temporário. Ele contrapõe à maior agilidade mental que essa velocidade exige do velho, a lentidão dos movimentos do corpo e da mente, que, na velhice, requerem tempos cada vez mais prolongados.

Segundo esse autor, o velho lida com essa angústia buscando refúgio na memória viva de um tempo estável e equilibrado, de modo a permanecer fiel a valores aprendidos e interiorizados durante a vida. E mantém seus hábitos como forma de resistência às mudanças, ao tempo do futuro, não porque não o entenda, mas por falta de vontade, de motivação e velocidade psíquica para compreendê-lo. A partir disso, podemos nos perguntar se essa permanência do velho preso ao automatismo dos hábitos não iria de algum modo contra o movimento inerente da vida, seu ímpeto criador.

Na sociedade contemporânea, o corpo se constitui num paradigma fundamental. Corpo por onde circulam nossos conflitos pulsionais, onde nossas representações recalcadas são traduzidas, por onde expressamos nossas emoções, nossos apetites e nossas trocas com o mundo. Corpo que ao mesmo tempo é objeto de nossa estima, mas que também é objeto e fonte de uma insatisfação permanente. Como pensar o corpo erogênico dos velhos no regime das identificações corporais, com seus modelos de corpos esvaziados, peles e seios caídos e suas próteses corretivas, nestes tempos em que os valores simbólicos estão empobrecidos, onde vigora cada vez mais um apelo à cultura do corpo, idolatria que é vendida o tempo todo? (MESSINA, 2003)

Kehl (2002) fala que, em função do poder da mídia eletrônica, a constituição das subjetividades dos sujeitos fica cada vez mais reduzida à dimensão da imagem, o que produz conseqüências psíquicas. Assim, a autora afirma que “as formações imaginárias se organizam em torno do eu narcísico, das identificações e das demandas de amor e reconhecimento; o existir por intermédio da imagem torna insuportável qualquer forma de exclusão. Se eu não sou visto, eu não sou”.

O corpo do velho, que tem modalidade anatômica e modalidades de encontro com outros corpos, perde seu estatuto erogênico com a erosão natural e irreversível da velhice. A imagem que ele tem de si próprio não permanece mais assegurada. Algo em seu corpo não se equilibra mais e se destrói permanentemente enquanto sua mente permanece inquieta por viver. O velho passa, então, a vivenciar uma amarga dicotomia entre corpo e mente.

A Medicina, por sua vez, oferece a possibilidade de retardar ou evitar o processo do envelhecimento através de suas intervenções cirúrgicas, reparadoras e estéticas. Por temer a velhice, é maior, a cada dia, o número de pessoas que buscam esses recursos ao perceberem os primeiros sinais da idade. Esse fato faz com que se perca um pouco o senso do que seja envelhecer, ao mesmo tempo em que produz uma nova configuração corporal, que altera a imagem do sujeito velho, sua semelhança familiar, suas características herdadas, suas marcas vitais, na busca de substituir um traço individual por um outro idealizado diferente do seu.

Afirma Breton (2001, p.25):

O homem existe através das formas corporais que o inserem no mundo e qualquer modificação de sua forma implica outra definição da sua humanidade. Se suas fronteiras são traçadas pela carne que o compõe, cortar-lhe ou acrescentar-lhe outros componentes metamorfoseia a sua identidade pessoal.

O que parece se buscar na contemporaneidade é uma imagem corporal segundo um modelo de um corpo jovem e de atividade, com uma temporalidade própria, de movimentos rápidos resistentes ao envelhecimento e à transformação, que representam apenas uma ilusão de juventude eterna. Entretanto, é inegável que as intervenções externas da Medicina, no que se refere à reconstrução do corpo e seu controle, trazem desdobramentos importantes. Nessa perspectiva, Costa (2004, p.77) afirma:

O Avanço real da ciência e da tecnologia mudou o perfil da idealização da imagem corporal. Há um tempo atrás, buscava-se alcançar no futuro a “perfeição” mítica do passado sentimental; hoje, imagina-se que a perfeição será conseguida pela “perfectibilidade” física prometida pelas novas tecnologias médicas. O futuro deixou de

ser o tempo indeterminado de auto-realização de fantasias emocionais para ser o tempo protocolar das etapas da correção física da aparência corporal.

Ele ainda afirma:

O sujeito contemporâneo padece de um fascínio crônico pelas possibilidades de transformação física anunciadas pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas e mecânicas (COSTA, 2004, p.77).

Como referido anteriormente, muitos idosos são segregados pelo corpo social, pela não produção de bens e pela impossibilidade de se inserirem no mercado de trabalho. Nesse não-saber-fazer em relação ao mercado, o idoso se insere numa facção de aposentados.

Nessa perspectiva o termo aposentado é tido como pejorativo, considerando-os como ultrapassados. “Ultrapassados” pelo domínio do novo e sem estarem inseridos no mercado, perfazem uma classe na qual o sentimento presente é o de fardo social. Asilados ou não, muitos prescrevem em vida a marca da morte. Muitos aposentados demonstram constrangimento com suas condições atuais, e, não raro, surge o sentimento de culpa advindo pela não inserção na produção de bens socialmente valorizados (MUCIDA, 2006).

Em contrapartida, há idosos que, de uma forma ou de outra, conseguem se inserir no mercado de trabalho e fluem para os programas de terceira idade ou organizações afins. Tais grupos têm como objetivo o de trazer o idoso, como forma de manutenção de algum traço identificatório. De toda maneira, é inegável a importância do papel social desses grupos, uma vez que muitos idosos encontram neles uma forma de laço social (MUCIDA, 2006).

Há ainda idosos que efetivamente continuam inseridos no mercado como consumidores de bens. Tragados pela rede da indústria farmacêutica e cosmética, buscam, sob qualquer preço, desfazer-se das marcas do tempo. Assim, o sujeito tende a desaparecer para fazer advir a imagem de um corpo jovem (MUCIDA, 2006).

O que se observa, de forma mais intensa na contemporaneidade, é que o desamparo conjuga-se ao perigo da perda do amor, angústia relativa ao desejo do Outro e ao próprio desejo e temor ao superego. Tais inscrições não se perdem jamais, fazem parte da constituição do sujeito e serão reinscritas sob outras “roupagens”.

O idoso encontra várias formas de se deparar com o desamparo. Sua história não encontra lugar diante das novidades do mercado, sua imagem não pode acolher como antes as maquilagens; mesmo com o mercado de próteses e cirurgias plásticas, o limite persiste. O temor à perda do amor torna-se real dada a fragilidade corporal que não responde, como antes, aos imperativos de agilidade, força e beleza (MUCIDA, 2006).

Ainda, os caminhos abertos pela cultura à inscrição e atualização de sua história tornam-se também mais restritos. É flagrante, no mundo atual, o desrespeito ao idoso concernente ao seu modo de falar, ao seu modo de andar (mais lento), sempre em descompasso com um mundo que gira em redor de outro imperativo: tempo é dinheiro (MUCIDA, 2006).

Após localizarmos a velhice na contemporaneidade, podemos considerar que o sujeito que envelhece bem é aquele que conta também com seus recursos internos para modificar e pode direcionar suas necessidades frente a novas situações, de acordo com seus desejos pessoais.

Por fim, é preciso lembrar que o envelhecimento é um processo singular e que sua determinação ocorre de forma simbólica. Assim, sempre existirão velhices diferenciadas, independentes do contexto político e social em que estejam inseridas.

2.0 ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 Como tudo começou

Ao realizar uma visita ao Programa de Atenção ao Idoso (PAI) na cidade de Recife, recebemos um convite do neurologista do programa para implantar uma oficina a fim de trabalhar com orientações fonoaudiológicas (voz, linguagem, fala e audição) para prevenção de prováveis patologias.

O PAI é o Programa de Atenção aos Idosos do Hospital Geral de Areias (HGA). Esse programa existe há 16 anos e tem como objetivo principal integrar o idoso à sociedade, fazendo desse uma pessoa ativa e participativa. O PAI oferece inúmeras atividades, como educação física, dança, teatro, coral, trabalhos manuais, e ainda oferece atendimento especializado (neurologista, nutricionista, psicólogo e terapeuta ocupacional).

Atualmente, o PAI apresenta 480 idosos cadastrados. Para inserir-se no grupo, o idoso deve atender a importantes pré-requisitos, tais como ter autonomia para ir e vir, ser saudável e, ainda, participar ativamente das atividades propostas pelo programa. O não preenchimento desse pré-requisito pode desligá-lo do grupo. O PAI fornece ainda palestras, passeios, viagens e intercâmbio com outros grupos de idosos.

Ao conhecer algumas atividades do programa, observamos que os participantes das oficinas não estabeleciam interação verbal uns com os outros participantes, nem tampouco com ministrantes dos cursos; apenas perguntavam coisas estritamente relativas ao que estava sendo abordado na oficina.

Os ministrantes dos cursos também mal conheciam as pessoas com quem estavam lidando; sabiam tão somente que eram idosos a quem tinham que ministrar a oficina, sem a preocupação de fornecer uma escuta para

conhecer melhor aquelas pessoas, facilitando a interação do grupo na oficina. Acreditamos que essa escuta seria possível já que, para cada oficina, só eram permitidos, no máximo, 15 idosos.

A “Oficina de Linguagem”¹³ surgiu através desse convite, mas com foco um pouco diferenciado da proposta inicial. Vale salientar que nosso objetivo não era de servir como grupo terapêutico, mas como um espaço em que os idosos poderiam debater, discutir diferentes assuntos, através de atividades orais e escritas. Os temas eram propostos tanto pela pesquisadora quanto pelos próprios participantes, dependendo do desenrolar dos encontros. Assim, surgiu então o nome da oficina, mais apropriado com o novo objetivo proposto: a Oficina de Linguagem.

Na nossa oficina tivemos a oportunidade de conhecer melhor as pessoas que faziam parte daquele grupo considerado minoritário em relação aos idosos que fazem parte da nossa sociedade. Também observamos como cada idoso estava evoluindo no grupo, uma vez que eles sempre davam um retorno de como aquela oficina estava afetando suas vidas de forma positiva, já que nessa oficina eles não se sentem somente como aprendizes, mas como um ambiente de troca de experiências.

2.2. Considerações metodológicas:

Optamos por um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, a fim de analisar o discurso de idosos sobre a velhice. Os dados foram constituídos durante a “Oficina de Linguagem” realizada uma vez por semana no PAI localizado no HGA do Governo do Estado de Pernambuco.

Os encontros foram realizados de junho a dezembro de 2007, uma vez por semana, totalizando 20 encontros, com duração de aproximadamente uma hora e meia, mas, nesta pesquisa, iremos analisar quatro encontros. Eram

¹³ A “Oficina de Linguagem” foi criada pela pesquisadora responsável;

realizados numa sala do espaço físico do PAI, situado no Hospital Geral de Areias, com os participantes e a pesquisadora posicionados em forma de círculo, facilitando o contato visual do grupo.

A formação do grupo foi realizada a partir da fixação de um cartaz na parede do espaço do programa convidando os idosos a participarem da oficina, onde eram oferecidas 15 vagas. Vale ressaltar, que era difícil concentrar os 15 participantes durante os encontros, uma vez que sempre alguns deles faltavam.

Os temas discutidos nos encontros foram propostos inicialmente pela pesquisadora; logo em seguida, todos os participantes concordaram em que a cada encontro, qualquer um deles poderia sugerir um tema e até mesmo conduzir a oficina. Os temas mais trabalhados durante as oficinas foram: velhice, família, religião, doença e violência. Vale salientar que questões fonoaudiológicas também foram discutidas no grupo, de forma preventiva.

O *corpus* do trabalho constituiu-se nas transcrições de discursos gravados, filmados e anotados em diário de campo para que a coleta dos dados se tornasse mais fidedigna. Assim, no final deste trabalho tivemos um grande banco de dados que poderá ser utilizado para pesquisas futuras. O diário de campo era composto pelo planejamento dos encontros, frequência dos participantes, propostas de temas feitas por eles e observações pertinentes para complementar a análise.

Utilizaremos como parâmetros de marcação os sinais: (...) – pausa e [palavra...] – hesitações. Os recortes serão reconhecidos por: [...]. Para as observações do analista, foi utilizado o seguinte parâmetro de marcação: (()).

No contato individual com cada sujeito, foram explicados os objetivos da pesquisa, os instrumentos que seriam utilizados e a finalidade deste trabalho. Nessa ocasião, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que o entrevistado lesse e assinasse, depois de ter afirmado que compreendeu tudo o que constava no referido instrumento.

Para registro e utilização dos dados coletados nesta pesquisa foram cumpridas todas as prerrogativas éticas e protocoladas sob o número 054/2007, autorizado no Comitê de ética em 25/06/2007. O material utilizado para a gravação do discurso foi o gravador digital de voz *Panasonic RR- US 450*. Para as filmagens, foi utilizada a filmadora *Samsung Digital Cam RWR Duasl Layer*. O diário de campos serviu como apoio para anotar as observações que ocorreram durante os encontros.

2.4 Os participantes da pesquisa

Participaram dessa pesquisa 15 idosos, sendo dois homens e 13 mulheres, com idade média de 74 anos, com tempo médio no PAI de 9,2 anos. Os sujeitos são oriundos de classes populares e apresentam grau de escolaridade na faixa do primeiro grau incompleto.

Segue abaixo um quadro com o perfil dos idosos participantes da pesquisa.

QUADRO DO PERFIL DOS IDOSOS DA PESQUISA

Participantes	Idade	Sexo	Grau de Escolaridade	Situação Econômica	Estado civil	Filho	Tempo no PAI
01	74	F	1º grau completo	Pensionista	Viúva	3	10 anos
02	71	F	1º grau incompleto	Aposentada	Casada	3	15 anos
03	77	F	1º grau completo	Pensionista	Viúva	4	11 anos
04	72	F	1º grau completo	Aposentada	Casada	3	8 anos
05	68	F	2º grau completo	Pensionista	Viúva	Não	3 anos
06	71	F	2º grau completo	Aposentada	Solteira	Não	4 anos
07	80	F	1º grau incompleto	Pensionista	Viúva	6	9 anos
08	74	F	2º grau completo	Pensionista	Viúva	Não	15 anos
09	75	F	1º grau incompleto	Pensionista	Viúva	3	6anos
10	80	M	2º grau completo	Aposentado	Casado	1	10 anos
11	79	F	2º grau completo	Aposentada	Viúva	1	15 anos
12	75	M	2º grau completo	Aposentado	Casado	2	7 anos
13	69	F	1º grau completo	Aposentada	Casada	4	15 anos
14	70	F	1º grau incompleto	Aposentada	Casada	Não	5 anos
15	69	F	1º grau incompleto	Pensionista	Viúva	2	8 anos

2.6 Análise dos dados

A análise dos dados se inspira na AD de Pêcheux levando em consideração tanto as propostas como as interrogações da sua última fase. Neste sentido, se apóia na perspectiva de Teixeira (2005) no que diz respeito à inclusão do trabalho de Authier-Revuz (1995) concernente à heterogeneidade e às não-coincidências, como também o trabalho de Milner (1987). Essas escolhas se justificam pela compreensão Lacaniana de sujeito. Considerar o sujeito do desejo no ato da análise significa aceitar a impossibilidade de simetria, dada a ingerência do real como impossibilidade, ou seja, como o que causa o furo no simbólico.

O primeiro momento do procedimento de análise foi constituído pelas transcrições de todos os encontros gravados. A filmagem foi vista e revista várias vezes, com o intuito de complementar a análise, uma vez que a imagem dos movimentos corporais também é uma forma de linguagem que ajuda na interpretação. Essa fase inicial teve como produto a montagem do *corpus* de cada situação, contendo todas as produções gravadas.

Após a montagem do *corpus* supracitado, iniciaram-se escutas e leituras exaustivas e repetitivas das falas e das transcrições. Tal procedimento tinha o objetivo de certificar a coerência da transcrição com o discurso dos participantes e familiarizar a pesquisadora com os dados.

No segundo momento, foram escolhidos recortes discursivos que têm como objetivos discursivos o envelhecimento e a velhice. Assim, esta análise destina-se a buscar fatos discursivos para compreender como se constrói o sentido no discurso, levando em consideração à dimensão do desejo como constitutiva do sujeito.

Dentro da temática supracitada, resgatamos, para análise, alguns elementos lingüísticos como: hesitações, repetições, negação, entre outros, interpretando melhor o discurso dos participantes.

Os dados serão analisados considerando o fio intradiscursivo, a partir dos deslizes, equívocos, atos falhos mostrando o trabalho do inconsciente

sobre o sujeito, identificando a alteridade que atravessa o discurso, como também identificando as não-coincidências, que constitutivamente atravessam o dizer.

3.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos resultados cuja análise dos dados obtidos será alicerçada no marco teórico apresentado.

Os recortes discursivos foram retirados de três situações vivenciadas em quatro encontros da Oficina de Linguagem que abordaram os objetos discursivos do envelhecimento e da velhice. Assim, nossa análise seguirá o seguinte esquema:

3.1: Primeira Situação: Conversa espontânea;

3.2: Segunda Situação: Conversa sobre o texto “Fases da velhice”;

3.3: Terceira Situação: Conversa sobre o texto “Retrato”.

Será preservada, nessa análise, a identificação dos participantes, aqui referidos como PARTICIPANTES (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15). Ao lado de cada identificação, duas informações serão adicionadas, cada uma delas entre parênteses. No primeiro constará a idade e o sexo do participante; no segundo, a ordem em que aparece o recorte discursivo. Mais informações sobre os participantes constam do quadro de perfil dos idosos na metodologia deste trabalho.

Os participantes serão explicados à medida que forem aparecendo nas situações.

Análise

3.1 Primeira Situação (12 e 19 de junho de 2007): Conversa Espontânea

Esse momento ocorreu nos dois primeiros encontros da Oficina, através de uma conversa espontânea com os participantes, tendo como tema a velhice, relatada por cada um deles de acordo com a sua vivência. Estiveram presentes nessa discussão os participantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15.

Recortes discursivos

PARTICIPANTE 1 (F, 74 anos)

Trouxemos para análise e discussão quatro recortes discursivos da Participante 1 porque foi quem mais falou na primeira situação. P1 está no PAI há 10 anos. Atualmente, participa de várias atividades do programa, como dança, oficina de trabalhos manuais, passeios, viagens, e também da Oficina de Linguagem. P1 se considera uma pessoa ativa e, durante as oficinas, mostrou-se muito falante, parecendo estabelecer uma boa relação com o grupo.

(R1) “Eu tô muito satisfeita até agora, viu (...) [eu...] eu estou muito bem até agora, sabe, eu não invejo nada de ninguém, eu estou ótima, sabe? porque eu faço duas horas de exercício por semana, cada dia uma hora [...]”.

(R2) “[...] eu tenho consciência, eu tenho consciência, eu tenho consciência de tudo na minha vida, da minha idade, da minha doença [...]”.

(R3) [...] “Agora eu só vou achar ruim quando eu ficar, mas Deus não vai fazer isso comigo não, quando eu ficar do jeito que não puder fazer nada pra mim [...] quando eu ficar dependendo. Aí, eu não quero mais ter vida, eu todo dia peço a Deus, nas minhas orações, que eu só quero ter vida até fazer minhas coisas” [...]

(R4) [...] “Agora com essa idade, eu sou realizada, se eu não tenho tudo que eu pensava de ter, mas Deus só dá aquilo que a gente merece, Deus não dá mais do que aquilo” [...].

No recorte (1), a participante faz uma pausa e depois hesita ao se dizer satisfeita e se situa no tempo, enfatizando-o com o marcador: agora. Essa hesitação pode ser um indício de um discurso Outro que sustenta este discurso que ela produz sobre a sua condição (velhice). De acordo com a proposta de Authier-Revuz (1998), trata-se de uma não-coincidência do dizer, uma vez que essa autora considera que as hesitações, que tendem a ter algo sustentando-as, podem ser relacionadas com a **não-coincidência das palavras e as coisas**. Logo após, a participante ratifica sua condição de bem-estar, seguida pelo marcador de tempo agora. Tal marcação temporal tem como efeito de sentido a instabilidade da velhice em relação ao estado de bem-estar; como diz Mucida (2006): “não é possível passar pela vida desconhecendo o real das perdas que a velhice acarreta”.

A velhice é a fase em que a pessoa se encontra, normalmente, mais próxima da morte e da impotência. Seu estar bem está vinculado a questão física. Assim, se seu corpo está bem então ela está bem.

Ainda nesse recorte, a participante nega quando diz “não invejo nada de ninguém”. Nessa afirmativa, a AD, ancorada no atravessamento da psicanálise, considera o que Freud chama de negação simples, quando a realidade percebida pelo sujeito não corresponde à representação que fez dela. Freud deduz que a negação permite certa enunciação da tomada da consciência do

recalcamento, sem que o sujeito aceite o seu conteúdo (ANDRÈS *apud* KAUFMANN, 1996).

No recorte discursivo (2), a participante repete três vezes consecutivas: “eu tenho consciência” e por fim acrescenta: “de **tudo** na minha vida”. Essa repetição supõe que P1 quer convencer a si mesma e ao seu interlocutor de que é uma pessoa consciente. Um sentido a ser apreendido diz respeito à palavra **consciência** que, provavelmente, dá o sentido de que a participante é uma pessoa com lucidez, já que a consciência, nessa faixa etária, pode estar prejudicada, uma vez que, na velhice, as dificuldades de memória, as demências são mais acentuadas. A participante acredita ter **consciência de tudo** e esta consciência tem correlação com o eu do consciente e com seu imaginário, ou seja, a imagem que tem de si mesma.

No recorte (3) a idosa reforça o que foi dito no recorte (1): “eu só vou achar ruim quando eu ficar dependendo”, apontando para sua provável condição futura, dessa vez com o termo **quando eu ficar** que aparece três vezes num mesmo recorte. Antecipa uma provável condição futura: **dependente**. Ainda nesse recorte, o seu discurso é atravessado pelo discurso religioso que aparece como interdiscurso e que continua no recorte (4), no trecho: “Deus só dá aquilo que a gente merece”; assim, esse Deus é aqui representado como aquele que impõe limites, o que representa o que deve ou não ser dito ou o que deve ou não ser feito, etc. Dessa forma, Deus pode ser considerado como o Outro que pertence ao simbólico, como foi visto na fundamentação teórica deste trabalho. Esse Outro é o que está ausente no discurso, mas que constitui o sentido.

Em seguida, no recorte 4, a participante diz **ser uma pessoa realizada sem argumentar**, um enunciado que pode ser considerado clichê. Há a presença de outras vozes nesse enunciado e, a partir disso, não observamos a inscrição do sujeito no discurso, ou seja, parece não haver a enunciação como diz Lebrun (2004): a produção de enunciados no mundo contemporâneo tende a apagar a enunciação, ou seja, tende a apagar a subjetividade.

A partir desses recortes observamos que P1 sente-se bem na velhice e que é uma pessoa esclarecida em relação às reais condições do idoso, suas limitações, e a possibilidade de ficar dependente. Assim, seu discurso parece ser atravessado pelo discurso médico, uma vez que, para a medicina, a característica do envelhecimento é o desgaste biológico, tornando-o mais susceptível a doenças que, conseqüentemente, podem causar dependência. P1 é uma pessoa bastante religiosa e deixa claro que tudo que acontecer com ela (dependência, doença, morte) vem da vontade de Deus, ilustrando, mais uma vez, a presença do discurso religioso.

PARTICIPANTE 2 (F, 71 anos)

A Participante 2 está no PAI desde a inauguração do programa há 15 anos. P2 faz parte, no momento, da nossa oficina e ministra uma oficina de trabalhos manuais no próprio programa. Mostrou-se muito tímida nos primeiros encontros, só falando quando era solicitada pela pesquisadora participante ou por alguém do grupo. Ao ser interpelada, não se sentia à vontade.

PARTICIPANTE 3 (F, 77 anos)

A Participante 3 está no PAI há 11 anos e faz parte da Oficina de trabalhos manuais. Muitas vezes, P3 interrompia a fala de outro participante, solicitando-lhe pressa no falar para que todos tivessem a oportunidade de se expressar.

Os recortes discursivos a seguir mostrarão o momento em que P3 interrompe P2, denunciando o equívoco realizado por P2.

PARTICIPANTE 2 (R5): “[...] e, assim, eu vou vivendo e sobre a velhice eu não tenho a dizer não, eu tô bem, eu não vi nem a velhice passar, [...]”.

PARTICIPANTE 3 (R6): a velhice chegar, mulher.

PARTICIPANTE 2 (R7): É, vi nem chegar, é, eu nunca me preocupei: Ah! Eu vou fazer 40 ano, eu vou fazer 50 ano [...]"

Assim, esses recortes discursivos das Participantes 2 e 3 mostram o funcionamento da linguagem pela denúncia do outro, P3, mostrando que esta estava prestando atenção ao enunciado de P2, pois sempre que alguém do grupo se equivocava, ela fazia questão de corrigir, colocando os participantes numa situação desconfortável.

Esse **outro** é o identificável que aparece na superfície lingüística denunciando o equívoco realizado pela participante 2 no recorte 5. A participante 2 ao dizer, “eu nem vi a velhice passar”, se equivoca, pois provavelmente ela quis dizer que **eu nem vi a velhice chegar**. Assim, no recorte (5), observamos um **não coincidência** do discurso de P2. Em sua colocação “não vi nem a velhice passar”, um equívoco se produz e não é percebido por ela, mas tem efeito sobre um outro membro do grupo que a interrompe denunciando seu equívoco. Analisando o recorte (5), se a velhice é considerada como última etapa da vida e se ela não a viu chegar, onde ela está? Assim, vale retomar o fio intradiscursivo e assinalar a relação desse enunciado com o que lhe antecede: “sobre a velhice eu não tenho o que dizer”. Estranho enunciado quando consideramos que ela deveria estar imersa na velhice!

Após ser interpelada por P3, P2 ratifica que não viu a velhice chegar quando diz que nunca teve a preocupação com o aumento da sua idade, com a velhice.

PARTICIPANTE 4 (F, 72 anos)

P4 está no PAI há 8 anos, faz parte da oficina de trabalhos manuais e se diz uma pessoa que sempre foi muito ativa, pois fazia todos os afazeres domésticos. P4 também afirma ser uma pessoa desde jovem muito religiosa mas que não participava ativamente dos atos da igreja em função de suas obrigações como dona de casa. E diz sobre a velhice:

(R8) [...] “é a época mais feliz da minha vida é esta, porque antes, antes eu não fazia nada, fazia as coisas de casa, sempre trabalhei, né? Bordava ponto de cruz, tricô, etc. Agora tem mais o que fazer, porque eu sou da igreja, eu sou do apostolado da oração e aqui, aqui eu participo dos grupos, [de...] [da parte...], faço parte do coral [...] vou levando a minha vida, felicíssima aqui, passeando e cantando pelo meio do mundo”.

Ainda numa discussão sobre a velhice essa idosa afirma: “é a época mais feliz da minha vida”. Com isso, mostra-se consciente de que as atividades que ela realizava antes não eram tão prazerosas como as que ela exerce hoje. Assim, ela diz que é a época mais feliz da vida dela porque atualmente realiza coisas que realmente gosta. Nesse momento, ela faz uso de modalizadores de intensidade como **mais** e **felicíssima** reforçando de como ela está se sentindo bem na velhice. Assim, P4 mostra uma aparente satisfação de estar na velhice, através desses modalizadores, não dando espaço para o interlocutor pensar o contrário. Nesse recorte, ela expõe em seu discurso, que, sua felicidade é proporcionada pelo PAI, ao enfatizar o advérbio de lugar **aqui** e ao citar as atividades oferecidas pelo programa que a levam a não se sentir velha. Isso nos faz refletir: essa idosa teria tal discurso se não estivesse incluída nesse programa?

Ao dizer que faz parte da atividade do coral no programa: “[de...] [da parte...], faço parte do coral [...]”, a participante hesita indicando uma **não-coincidência das palavras e as coisas**. Essa não-coincidência sinaliza para a

impossibilidade de captura do objeto pela letra, ou seja, está relacionada ao real da língua, aquilo que não pode ser representado.

PARTICIPANTE 5 (F, 65 anos)

P5 é uma das participantes que têm menos tempo no grupo (3 anos). Ela relatou que, quando parou de trabalhar, resolveu procurar um grupo de idosos para se sentir ativa e aprender coisas novas. Considera a sua velhice como boa justificando sua afirmativa dizendo que anda, passeia e se diverte.

(R9) [...] “nós ((Esta palavra é acompanhada por um gesto de referência aos demais participantes do grupo)) não se considera idosa porque o espírito da gente não envelhece, quem envelhece é a matéria, assim as carnes da gente, os ossos que a gente vai perdendo”[...]

Ao empregar o pronome **nós**, P5 inclui os demais participantes em seu discurso, generalizando, portanto, sua concepção de idoso.

Em “quem envelhece é a matéria, assim as carnes da gente, os ossos que a gente vai perdendo”, essa idosa parece se “colar” no discurso médico, uma vez que matéria, carnes (pele) e ossos fazem parte desse discurso. A colagem de discursos médicos, midiáticos ou culturais leva o idoso a se deparar com o conceito que aprisiona e enfraquece o seu potencial criativo e a sua identidade (ZPELLINI JÚNIOR, 2007). Assim, muitas vezes, a idosa utiliza um discurso outro pra justificar a velhice, mascarando o verdadeiro sentimento da velhice, sem fazer reflexões subjetivas sobre ela.

Mas, devemos destacar também que quando falamos, nosso dizer é atravessado por outros dizeres. O discurso não nasce na vontade do enunciador. O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. É então, por isso, que se

diz que os sujeitos não têm controle total sobre o seu dizer e nem são a fonte de sentidos, embora se apresentem como tais. Na verdade, os sentidos os atravessam de modo desnivelado pelo “interdiscurso”, que se caracteriza por ser sempre um já-dito que é exterior ao sujeito.

Em R9 notamos que a realidade difícil de suportar da velhice ancora-se também na negação própria do inconsciente; o velho é sempre o Outro no qual nós nos reconhecemos (MUCIDA, 2006).

Levando em consideração a psicanálise podemos destacar que, para ela, a idéia de negação faz emergir um já-dito, afirmado antes, em outro lugar e que pode ser atribuído a um Outro, um ausente ou simplesmente outros interlocutores. Vale salientar, então, que a negação estabelece com o Outro uma relação de contradição.

Podemos dizer que a velhice existe, as pessoas idosas existem, e, mesmo que o sujeito do inconsciente não envelheça há uma realidade do corpo que envelhece. Há uma realidade do corpo traçado por uma imagem que pode horrorizar o sujeito; há uma realidade de várias perdas que se aguçam a partir de uma determinada idade.

PARTICIPANTE 6 (F, 71 anos)

P6 está no PAI há 4 anos e diz não ser muito participativa por falta de paciência. Segundo a coordenadora do programa, essa participante sempre começava, mas não concluía as atividades desenvolvidas nas oficinas, era muito faltosa e demonstrava não gostar de contato estreito com os demais participantes. Porém, em nossa oficina, aconteceu o contrário, P6 mostrava-se sempre alegre, participativa e, aos poucos, foi se entrosando e interagindo mais com o grupo.

Na discussão sobre a velhice, P6 pede a palavra e diz:

R10 “[...] eu não acho a velhice uma doença, né, nem uma coisa triste; pra mim é boa, pra mim a velhice é boa, eu ando, eu passeio, eu me divirto e só tenho a dizer uma coisa: a gente envelhece, então, eu me sinto jovem”.

P6 diz que não acha a velhice uma doença e nem uma coisa triste, ao contrário, ela é boa. O interessante é que ela começa seu enunciado dizendo que não acha a velhice uma doença, palavra que não tinha sido mencionada ainda no grupo. Assim, em (10) parece conter uma denegação. Segundo Freud (*apud* KAUFMANN, 1996), na denegação, o sujeito do desejo somente pode se fazer presente na consciência ao inventar, por meio de uma negativa, um compromisso acerca daquilo que recusa em si mesmo. Essa idosa ao dizer que a velhice não é uma doença, sem que tenha sido interpelada sobre isto, parece estar respondendo a uma consideração oposta, ou seja, a velhice vista como doença. Aqui ela pode estar realizando uma antecipação de seu discurso como defesa de não achar a velhice uma doença.

O enunciado “a gente envelhece, **então** eu me sinto jovem” é marcado por um equívoco, uma vez que não há uma continuidade de sentido entre as duas frases. Assim, parece que podemos falar de uma **não coincidência da palavra com a coisa** de acordo com Authier-Revuz (1998). Também pode ser considerada com um ato falho, não percebido por P5. O ato falho, para a psicanálise, é, desde Freud, aquilo que, “mancando”, atropelando o discurso racional, coloca em cena a verdade do inconsciente. É dessa forma que todo o ato tem efeitos de sentido sobre o eu.

Em relação ao que se diz da velhice na contemporaneidade, em nossa cultura, a velhice é tomada, apenas, como um conceito negativo, mesmo que não o seja a idade cronológica; pode-se chegar à idade avançada sem vivenciar a velhice. Há o mito de considerar a velhice como uma fase decadente, de fragilidade. Assim, a persistência da concepção negativa da velhice mesmo que não o seja a da idade avançada, pode reforçar a dificuldade de se falar dela e quando se fala a pessoa nega (MUCIDA, 2006).

Nesse recorte, podemos observar a heterogeneidade discursiva, pois há atravessamento de um discurso médico, considerando a velhice=doença. Assim, ser velho é ser doente, porque na velhice, de acordo com o um discurso médico, as degenerações biológicas são mais acentuadas.

PARTICIPANTE 7 (F, 80 anos)

P7 está no PAI há 10 anos e participa também de outros grupos para idosos. Ela está sempre viajando com a família, como também com o PAI. Em todos os encontros P7 citava sua família, referindo-se a ela de forma positiva. Ela fazia questão de ressaltar que sua velhice é boa porque tem uma família e amigos maravilhosos. P7 não participou de outros trabalhos no PAI enquanto durou nossa oficina.

(R11) “[...] eu não me considero uma pessoa idosa, eu me considero uma pessoa normal, uma pessoa como que uma criança, que eu acho que a velhice não é, não é novidade não. A velhice, isso é coisa da natureza, é uma coisa que Deus deu a gente, a gente não pode ter medo dela não, porque é isso mesmo, não tem outro jeito mais, mas pra gente se divertir mais um pouco e se esquecer que existe velhice, porque a velhice quem faz é as pessoas” [...].

Em (11), a velhice, para essa idosa parece ser concebida como algo anormal, uma vez que a participante diz que não **se considera idosa, se considera normal**. Nesse trecho, observamos uma **não-coincidência da palavra com a coisa** estudada por Authier-Revuz (1998), uma vez que a palavra idosa não coincide com a coisa: ser normal.

P7 considera-se como uma criança, levando a um efeito de sentido que ela se sente com a vitalidade de uma criança. Ao dizer “acho que a velhice não

é, não é novidade não”, ela está se referindo a velhice como algo que faz parte do ciclo de vida, por isso que não é novidade.

A atitude de negação quando afirma “eu não me considero uma pessoa idosa” é uma circunstância em que ela se percebe diferente talvez por participar de um grupo que oferece ao idoso uma vida diferenciada dos demais idosos de nossa sociedade e, também, pelo conceito que a nossa sociedade contemporânea dirige ao idoso. Essa afirmação está de acordo com o que diz Messina (2007), o que se considera na contemporaneidade é que a velhice se configura como um estágio de declínio e invalidez.

Ainda, quando a participante diz: “eu não me considero uma pessoa idosa, eu me considero uma pessoa normal”, notamos que este enunciado está atravessado por um discurso pré-construído que considera o idoso= anormal.

Nesse recorte, a participante afirma que “a velhice é coisa da natureza”, dando um sentido de conformidade na condição de ser velho, mas, logo em seguida, ela refere que tem que “esquecer que existe velhice”, fazendo com que seu discurso pareça contraditório, indicando uma não-coincidência. A não-coincidência do discurso - que apontamos no início deste trabalho ao falarmos de heterogeneidade do sujeito com seu próprio dizer: lugar do Outro, onde se indicia uma mostra das relações de alteridade (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Resta interrogar: a quem o enunciado “esquecer que existe velhice” é dirigido? Provavelmente aos participantes da Oficina de Linguagem

“A velhice, isso é coisa da natureza, é uma coisa que Deus deu à gente, a gente não pode ter medo dela não, porque é isso mesmo, não tem outro jeito mais”. Os termos **coisa** usado por P7 diz podem se referir ao ciclo de vida normal como também como algo que vem de Deus. Assim, por vir de Deus, dá um sentido de aceitação da velhice. Dessa forma, em R11 há um forte atravessamento do discurso religioso: “a velhice é uma coisa que Deus deu a gente.”.

O discurso de P7 parece não coincidente, pois o efeito de sentido no discurso de P7 leva a inferir que a velhice é algo que vem de Deus então as pessoas deveriam aceitá-la, mas seu discurso parece não coincidente também quando a participante diz, inicialmente, que não se considera idosa.

PARTICIPANTE 8 (F, 74 anos)

A participante 8 é uma das mais animadas e atuantes do grupo, sempre expressando um largo sorriso. Há 15 anos ela participa do programa e diz que a atividade de que mais gosta é a dança, pois sempre gostou de dançar. Sendo possível, a pesquisadora dava oportunidade de P8 dançar para o grupo, fazendo desse momento uma enorme descontração. Essa participante ainda faz belos desenhos com caneta *bic* e sempre distribue para o grupo.

(R12) “... eu tenho essa idade, mas não me considero velha; eu sou da terceira idade, mas velha, eu, eu não sou, porque faço hidroginástica, eu já fiz yoga [...]”.

P8 diz “eu tenho essa idade, mas não me considero velha”, a conjunção “mas” dá idéia de contradição, assim ela não se considera velha, apesar de ter uma idade cronológica avançada que pode caracterizar uma pessoa velha. Ela diz que é da terceira idade. Ela pode ressaltar que é da terceira idade, já que este termo tem uma conotação positiva no meio social, pois quem diz ser da terceira idade leva uma vida ativa.

No enunciado (12), a idosa, se por um lado nega-se a ser velha por outro não nega os sentidos dominantes de velhice, ao contrário, os sustenta, pois se diz não-velha porque realiza coisas usualmente realizadas por jovens. O efeito ideológico imaginário que aqui atua - gostar de coisas que geralmente são realizadas por jovens - não se enquadra no que se espera de uma pessoa **velha** e isso é reproduzido no discurso do idoso. Por consequência, ela se diz **não-velha**. O efeito do interdiscurso como pré-construído pressiona de maneira

decisiva, pois todos “sabem” o que é e como é ser jovem e o que caracteriza o velho na contemporaneidade.

Ao dizer que não é velha, P8 hesita: “velha [eu...], [eu não] sou”. A hesitação vem acompanhada de uma negação. Segundo Teixeira (2001) a idéia de negação faz emergir um já-dito, afirmado antes, em outro lugar, e que pode ser atribuído a um Outro: um ausente ou simplesmente outras pessoas (interlocutores).

Ao se considerar da terceira idade, a idosa parece amenizar os efeitos da velhice e, assim, ter as condições necessárias e a liberdade para fazer coisas que geralmente são realizadas por jovens.

Esse seu discurso talvez esteja atravessado pelo discurso de valorização do corpo, o discurso estético; assim, ser velho acaba sendo uma situação difícil, parece que, na velhice, não há o desejo de ser jovem, mas o de ter o corpo jovem. Notamos aqui também o discurso do PAI, uma vez que esse programa concebe o idoso como uma pessoa ativa e participativa.

PARTICIPANTE 9 (F, 75 anos)

P9 participa do PAI há 6 anos. Na Oficina de Linguagem só compareceu aos primeiros encontros porque a enfermidade de um filho levou-a a desligar-se do grupo, prometendo voltar assim que ele melhorasse. Nesses encontros pudemos identificar no *corpus* um recorte interessante de P9 que fala sobre a velhice.

(R13): “Eu não conheço velhice, eu acho que velhice é um estado de espírito que a pessoa bota na cabeça, tem uma limitação, toda pessoa a idade chega, tem sua limitação, né?”.

P9 diz que não conhece a velhice porque ela é um estado de espírito.

Em R13, há a presença da negação em: “eu não conheço velhice.” No recorte acima, detecta-se que o idoso pode não sentir na “pele” o que falam

sobre a velhice ou, então, ao negar a velhice, não está negando os sentidos pejorativos, ao contrário, os reconhece e, por isso, os recusa. Esse mesmo idoso, tomando tal posição discursiva é impedido pela sociedade de dizer que é jovem.

P9 mostra ter ciência das limitações na velhice, mas mesmo assim nega não conhecer a velhice. Assim, esse discurso parece não -coincidente.

Os idosos com quem trabalhamos fazem parte de um grupo diferenciado da nossa sociedade onde não lhes é permitido sentirem-se velhos, uma vez que fazem parte do “PAI”, e, a partir do momento em que estão incluídos nesse programa, eles têm que se sentir ativos e participativos e (re) integrados na sociedade.

Por ser participante do PAI, o enunciado de P9 está aliado e subordinado à sua formação discursiva, onde o idoso deve mostrar-se sempre ativo e participativo. Devido a isso, podemos julgar a negação de ser velho como um modo de reforçar o exterior de uma formação discursiva.

Apesar desse enunciado acerca da velhice, é importante salientar que o discurso sobre o sentimento da velhice também pode mentir, assinalando, muitas vezes, para uma outra realidade, ou seja, não se pode se sentir velho dentro de um programa que oferece atividades para que a pessoa não se sinta velha. Assim, é de grande valia considerar o contexto em que esses discursos estão sendo produzidos, pois o lugar em que o discurso é produzido tem interferência direta na materialidade lingüística.

PARTICIPANTE 10 (M, 80 anos)

P10 é uma das pessoas mais cativantes do grupo, bem relacionado, sempre disposto a ajudar e com histórias pra contar sobre suas viagens. Ele está há 10 anos no PAI e participa dos jogos da terceira idade, como também frequenta as aulas de xadrez e de pião oferecidas pelo programa. P10 já fez cursos na UNATI (Universidade Aberta pra Terceira Idade) na UFPE

(Universidade Federal de Pernambuco). Logo nos primeiros encontros P10 salientou à pesquisadora-participante, que é fonoaudióloga, que teve um AVE (Acidente Vascular Encefálico) há aproximadamente 5 anos que, segundo ele, não deixou graves seqüelas. Enfatizou que a sua maior angústia é não conseguir mais escrever poesias como antes. Partindo dessas questões referidas por P10, verificou-se que ele não apresentava nenhum problema que pudesse impedi-lo de voltar a escrever suas poesias. Assim, a Oficina de Linguagem com o apoio da pesquisadora e do grupo serviu para encoraja-lo a voltar a escrever. Com efeito, P10 já havia escrito três poesias durante o período da Oficina de Linguagem. E, em seu relato sobre a velhice, ele diz:

(R14) [...] “nada na minha vida eu tenho que lamentar, tudo que tinha que fazer na minha vida, eu fiz. E não me arrependi. Tudo que tinha que fazer na minha vida eu fiz. porque eu pensava assim. Eu vou deixar me aposentar, eu devia ter feito isso, nada, nada. Tudo que eu fiz não tenho nada pra me lamentar. Minha velhice é ótima” [...]

P10 conta um pouco de sua história de vida e diz que não tem nada a se lamentar, pois fez tudo que queria fazer, e que ao passar por momentos difíceis na vida como todo mundo passa, não se arrependeu. Desse modo, chegar à velhice fez com que se sentisse realizado e de bem com a vida: “minha velhice é ótima”. Em seu enunciado sobre a velhice, P10 tinha um ar de tranquilidade e segurança, com boa qualidade vocal e uma fala bem articulada, o que produziu um efeito de admiração no grupo.

No recorte (14), há a presença de modalizadores de intensidade **nada** e **tudo** de maneira repetida no enunciado consciente, indicando uma intensa satisfação da vida do idoso em relação as coisas que realizou em sua vida, bem vivida, sem deixar lacuna para o interlocutor pensar o contrário.

Esses modalizadores acompanham o verbo fazer, aqui apresentado no tempo passado **fiz**, sugerindo que sua satisfação de ter feito tudo no tempo

passado. Ter a consciência de que fez tudo no passado e de que não se arrepende de nada, tem correlação com o eu da consciência e com a imagem que tem de si.

Em relação à repetição do **nada** e **tudo**, o sujeito ao intervir no repetível instaura o diferente: a produção de outros sentidos, de outras leituras, de outras interpretações, que marcam a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, visto que o discurso é atravessado pelo discurso do outro. Aqui, o **nada** para se lamentar dá um efeito de sentido de satisfação na velhice.

PARTICIPANTE 12 (M, 75 anos);

P12 faz parte do PAI há 7 anos. Nesse programa desenvolve várias atividades: teatro, coral, jogos, passeios, viagens. P12 é um participante que sempre mostrou disposição para aprender e gostava de narrar para o grupo suas histórias do tempo em que era militar. Como faz parte do coral e é bastante católico. A pesquisadora sempre dava oportunidade para P12 cantar músicas religiosas.

(R15) “[...] aqui estou e permaneço sempre animado, sempre correto, nos meus afazeres e sinto (...), [*apesar de...*] da idade, mas nunca me sinto velho, sempre novo, destemido [...]”

Ainda na temática sobre a velhice, P12 afirma que nela ele ainda continua animado e correto como sempre foi em sua vida. Relaciona o **aqui estou** ao PAI e faz uso do verbo permanecer no tempo presente acompanhado dos adjetivos: **animado**, **correto**, dando um sentido positivo à sua velhice. Posteriormente, P12 refere que **apesar da idade** - pois é sabido que esta idade carrega suas limitações, principalmente em relação ao organismo biológico – “nunca me sinto velho”, negando a condição de ser velho. Antes de P12 referir

apesar da idade, ele dá uma pausa e retoma: “apesar da idade mas nunca me sinto velho”. A pausa produzida por P12 nos dá abertura para uma reflexão sobre seu sentimento: ele se sente feliz? Sente-se velho ou não se considera velho? Nesse caso, sente-se não-velho e feliz.

Na hesitação [*apesar de*] da idade há a presença da **não-coincidência das palavras e as coisas** (AUTHIER-REVUZ, 1998).

A conjunção adversativa **mas** vem em oposição à locução prepositiva **apesar de**, que dá idéia de contraposição, ratificando seu sentimento de que não se sente velho apesar de estar na velhice. Os adjetivos **novo** e **destemido** aparecem como o eu imaginário, ou seja, a imagem que ele tem de si mesmo.

Pelo exposto, podemos dizer que o jogo de antônimo (velho/novo) e a negação (nunca me sinto velho), não se resumem apenas a um processo de conflitos de gerações, pois refletem as exigências da sociedade capitalista de louvar a jovialidade, não só das mercadorias (coisas), mas dos próprios homens, pois isso assinala um modo de reprodução das relações sociais capitalistas.

PARTICIPANTE 14 (F, 70 anos)

P14 faz parte do PAI há 5 anos, juntamente com o seu marido, mas este não faz parte da nossa oficina. P14 participa no programa de trabalhos manuais, da dança e realiza todas as viagens do programa. No início dos encontros, P14 mostrou-se muito calada, reservada, de poucas palavras e, muitas vezes, o grupo não prestava atenção ao que ela falava, situação que levava a pesquisadora-participante a chamar a atenção do grupo.

(R16) “[...] tenho muitos amigos, gosto muito de passear, eu não conheço velhice, não. Não sei que doença é essa, apesar de todo mundo tem suas conseqüências da velhice, né? Mas é só driblar elas [...]”.

P14 diz que não conhece velhice da mesma forma como diz P9.

A negação tão presente em vários recortes nos leva a refletir que negar a velhice é comum para esses idosos que participam do PAI. Negar a velhice parece ser um pré-requisito para fazer parte do grupo.

A partir de tal observação reconhecemos, iluminados por Freud, que quem nega já está considerando a questão. A negação é ativada como um mecanismo inconsciente utilizado para se libertar da repressão do ego, uma vez que: “o conteúdo de uma imagem ou idéia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja *negado*” (FREUD *apud* MUCIDA, 2006).

A negação é um dos exemplos de marca lingüística. E a heterogeneidade pode ser mostrada através dessa marca, pois há presença de outros discursos que são negados, como por exemplo, os discursos que produzem um sentido de que a velhice é igual a doença, a dependência, a improdutividade.

Assim, a heterogeneidade é constitutiva do discurso. Ela relaciona que todo discurso surge de outros discursivos (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Logo após essa afirmação, a idosa refere que não sabe que doença é essa, doença aqui referida a velhice. Assim, velhice = doença. Identificamos que nesse recorte, P14 resgata a palavra doença dita por P6.

Nesse recorte, a idosa enfatiza a sua condição de estar na velhice, pois reconhece suas conseqüências, mas diz acreditar que, em tomando ciência da condição de idoso, pode driblá-las.

PARTICIPANTE 15 (F, 69 anos)

P15 está no PAI há 8 anos. Participa das oficinas de trabalhos manuais, dos passeios e do EJA (Educação para jovens e adultos) oferecidos pelo PAI. P15 é bastante calada e diz que tem dificuldade em fazer amizades, uma vez que sempre viveu muito presa, por conta do marido. No decorrer dos nossos encontros, P15 foi perdendo a timidez e interagindo mais com o grupo.

(R17) “[...] e sobre a minha velhice eu num fico lá tão, tão, como é, não amo tanto a velhice, mas a gente tem que ficar velha um dia, não é? [...]”.

P15 começa o seu enunciado falando sobre sua história de vida até chegar no tema sobre a velhice. Ela diz que não ama tanto a velhice, mas que tem que ficar velha um dia. Observamos nesse recorte mais uma vez a presença da negação, não amo tanto a velhice.

De todos os recortes apresentados até agora, esse enunciado de P15, nos mostra claramente a sua insatisfação na velhice. Podemos observar que ela nega uma afirmação dita anteriormente por outros participantes, assim ela refere não amo tanto a velhice, como os outros amam. Em como os outros amam, podemos observar a presença do outro identificável. A negação do discurso do outro apresenta, segundo Indursky (1992), duas características: a marca da negação é explícita e o discurso do outro é implícito. Assim, o discurso do outro é negado, é transformado em já-dito, para ser incorporado, constitutivo do discurso.

Quando P15 diz que não ama tanto a velhice, os outros participantes do grupo começam a se mobilizar (balançando a cabeça, fazendo o movimento do não) reprovando o que foi dito por P15. Ao afirmar, mas a gente tem que ficar velha um dia, não é? Ela se dirige ao grupo, esperando a sua aprovação mas, ao perceber que foi reprovada, P15 volta a falar sobre a sua história de vida.

A reprovação feita pelo grupo ao não aceitar o dizer de P15: “não amo tanto a velhice”, tem correlação, mais uma vez, com o lugar que esse enunciado foi produzido, pois no PAI não se é permitido se sentir velho e sim idoso, como também, tem que gostar de estar na velhice.

3.2 Segunda situação (17 de julho de 2007): Conversa sobre o texto “Fases da Velhice.”

A segunda situação, sugerida pela pesquisadora e aceita por todos, constou da discussão de um texto sobre velhice. Cada participante se comprometeu em trazer um texto e, por sorteio, um deles foi escolhido para a discussão. O texto sorteado foi elaborado pelo próprio participante, que também conduziu a oficina naquele dia. Essa discussão foi realizada em um único encontro e dela tomaram parte os participantes 5, 7, 9, 10, 11, 12 e 13.

Fases da velhice

“Quando se fica idoso, geralmente acontecem três pontos negativos e três pontos positivos.

Começando pelos pontos negativos. Primeiro vamos sentir as rejeições dos mais moços, faltando o respeito para conosco nas filas dos bancos, dos hospitais, dos postos do INSS. Nos ônibus, os motoristas humilham os idosos negando a parada aos mesmos, os passageiros mais jovens não cedem lugares aos anciãos que estão em pé. Até em nossa casa somos desprezados. Os familiares muitas vezes colocam seus pais nos abrigos geriátricos. E, muitas vezes, se envergonham dos pais por serem pobres.

O segundo ponto vem a perda da memória, vem as doenças, como por exemplo, pressão alta, arterosclerose, não se pode mais comer tudo o que se comia antes, as energias diminuem e até ficamos dependentes dos outros.

Apesar de tantas coisas ruins que acontece na velhice, alguma coisa resta de boa para o idoso, como por exemplo, adquire-se mais sabedoria, mais experiência e mais visão das coisas da vida, a ponto de se dar lições aos mais estudiosos de hoje. O segundo ponto acontece quando se tem netos que, muitas vezes, amam e têm mais carinho, como os filhos quando eram crianças.

E, por fim, é quando se tem a certeza de se ter cumprido com a missão de pai, de esposo, de cidadão, de patriota, e de verdadeiro cristão. E aí poder dizer como disse São Paulo: “terminei minha carreira, combati o bom combate e guardei a fé, agora só me falta receber a coroa do Justo Juiz”.

(Texto produzido pelo PARTICIPANTE 12)

O texto elaborado aponta para três pontos negativos e três pontos positivos da velhice. O autor o inicia pelos pontos negativos. O primeiro ponto elencado, aborda a própria vivência de P12 em seu cotidiano, tal como o desrespeito em filas de bancos, nos ônibus e até mesmo o desprezo em sua própria casa. Cita, também, famílias que entregam seus pais aos cuidados de casas geriátricas e que se envergonham de sua parca situação financeira.

O segundo ponto negativo refere-se às doenças e suas conseqüências e, nesse momento, notificamos o atravessamento do discurso médico. Apesar de referir no início do texto que iria apontar três pontos negativos, P12 só descreveu dois pontos.

Ao se referir aos pontos positivos, o autor diz “Apesar de tantas coisas ruins que acontece na velhice, alguma coisa resta de boa para o idoso”. **Apesar de** é uma locução prepositiva por ele usada, para contrapor os pontos negativos às idéias anteriores. Embora tenha produzido, para o interlocutor, um efeito de sentido ao afirmar, no início do texto, que acontecem “três pontos positivos” na velhice, P12 posteriormente referiu, no singular, que “alguma coisa resta para o idoso”, dando um sentido desalentador à frase. Logo em seguida, enfatiza o primeiro ponto positivo, a seu ver: sabedoria, experiência e visão das coisas da vida. O segundo ponto positivo é sua valorização pelos netos, que, segundo o autor, amam mais os avós do que seus próprios filhos amam os pais. O terceiro ponto é colocado como o dever cumprido nos papéis desenvolvidos ao longo da sua vida como: pai, esposo, cidadão, etc.

O autor finaliza seu texto com uma frase de São Paulo: “terminei minha carreira, combati o bom combate e guardei a fé, agora só me falta receber a

coroa do Justo Juiz”. A frase retrata a sensação de missão cumprida, já referido pelo autor, e traz palavras que fizeram parte de seu vocabulário de como militar, profissão que exerceu até a aposentadoria: carreira, combate. Há também a presença de um discurso religioso quando cita a frase de São Paulo, santo da Igreja Católica.

Em relação às aspas, Authier-Revuz (1998) afirma que elas indicam “o surgimento direto do outro no discurso do sujeito”. Elas atestam uma suspensão da responsabilidade do enunciador, que assume a posição de quem questiona o caráter de apropriação da palavra em relação ao discurso no qual figura; a de que ela está deslocada de seu lugar, pertencendo a um outro discurso.

Apesar de o texto falar sobre os pontos negativos e positivos da velhice, os participantes começaram a discutir sobre as diferenças entre velho e idoso, não articulando com o texto proposto, acompanhando o enunciado de P5. Apenas P12 e P13 articularam o texto com seus enunciados.

PARTICIPANTE 5 (F, 68 anos)

(R18) [...] “Olhe, ser velho e idoso é a mesma coisa, isso é questão de ponto de vista, um se achar velho e o outro se achar idoso, idoso é o anos se passando e você ver que está decaindo o organismo, né e velho é aquele que se prostra e diz: eu sou filhinho, tenha pena de mim ((infantiliza a voz)). Eu sou idosa e muito chata” [...]

O enunciado de P5 não está articulado com o texto. Em seu enunciado, ela só fala sobre os termos velho e idoso e sua concepção de ser velho e ser idoso. P5 articula seu enunciado com o comentário que P7 fez no início da

Oficina que em um outro grupo do qual ela participa, as pessoas comentaram sobre as diferenças entre ser velho e idoso.

A participante indica que “velho é aquele que se prostra”, dando um efeito de sentido negativo à velhice: um dos significados de prostrar, no dicionário Houaiss, é humilhar-se. Assim, esse significado dá um sentido negativo à velhice.

Nesse momento da análise, para compreender o efeito de sentido de P5 detectamos de enfatizar uma acepção da palavra **prostrar**. Nessa perspectiva, o analista do discurso não pode negar a existência do dicionário como um espaço de uniformização do significado, visto que nele que ressoam as vozes da cultura (TEIXEIRA, 2001). Assim, podemos considerar que o enunciado desta participante é atravessado pelo discurso da cultura.

O enunciado da participante 5 pode estar atravessado por um macrodiscurso que considera o velho como uma pessoa à margem da sociedade. P6 reporta-se ao velho fazendo uso de uma voz infantilizada salientando a idéia de velho como dependente

PARTICIPANTE 7 (F, 80 anos):

(R19) “Eu sou de acordo: o velho e o idoso é um sinônimo, igual, né? Não tem diferença, agora quem quer se entregar envelhece mais e o idoso tem que ter um entusiasmo de fazer alguma coisa [...]”.

Dando continuidade ao enunciado de P5, também sem articular com o texto, P7 afirma concordar que idoso e velho são a mesma coisa, como foi dito por P5. Afirma também que quem quer se entregar é mais acometido pelas possíveis conseqüências da velhice.

Pelo visto, a entrega depende de cada um. Refere também que é preciso para o idoso **ter entusiasmo** para fazer as coisas. **Entusiasmo** parece ser a palavra-chave para se viver uma boa velhice. Nesse enunciado podemos

identificar a presença do outro, assim: para quem a participante fala? Para um outro idoso.

Como esse idoso faz parte do PAI, provavelmente esse programa é uma das maneiras de entusiasmar o idoso que dela faz parte. Assim, produz um sentido de que o idoso que não faz nenhuma atividade ou que não faz parte de nenhum programa que proporcione atividade física e mental não tem mais entusiasmo na vida.

PARTICIPANTE 9 (F, 75 anos)

(R20) “É a mesma coisa, um é sinônimo do outro. Eu, eu bem sou idosa porque o povo quer chamar, mas sou velha porque nasci, cresci e envelheci”.

Logo de início, P9 diz que idoso e velho são a mesma coisa, como foi dito por P5.

P9 faz parte de um programa para idosos onde as pessoas que dele fazem parte se referem aos participantes chamando-os de idosos e não de velhos. A pesquisadora presenciou várias situações em que os próprios membros do grupo interpelaram os colegas chamando-os de idosos.

P9 diz ser idosa argumentando que é porque o povo quer chamar, delegando ao outro a responsabilidade de considerá-la idosa. Há o atravessamento de um discurso pré-construído. O grupo que P9 faz parte a considera como idosa e não como velha, conseqüentemente, ao fazer parte desse grupo, P9 também tem que se considerar idosa.

Em seu enunciado consciente, a participante mostra as reais condições da vida: **nasci, cresci e envelheci** no tempo passado.

Em (20) há a contradição em “eu, bem, sou idosa porque o povo quer chamar [...] mas sou velha” representada pela conjunção adversativa **mas**. Ou melhor, o que o povo fala se contradiz com o que ela fala. Em “eu sou idosa porque o povo quer chamar” há a presença de palavras relacionadas a um

outro discurso, como por exemplo do discurso do povo. Nessa perspectiva, Pêcheux assinala que toda palavra, por se produzir no meio do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso outro, indicando assim uma **não coincidência do discurso com ele mesmo**.

PARTICIPANTE 10 (M, 80 anos)

(R21) “Atualmente eu sou idoso, mas nós somos velhos porque tudo que está na terra criado por Deus, envelhece, tudo, então o ser o humano não foge à regra; agora há um conceito que criaram de não chamar agora de velho, chamar de idoso e isso ai ficou muito bom, porque antigamente dizia: aquele velho que vai ali, e hoje é senhor idoso, mas tudo tá na flor da terra, vive e envelhece, então, eu acho que chamar velho não desmerece ninguém.”

Observamos nesse recorte uma forte presença do discurso religioso: “nós somos velhos porque tudo que está na terra criado por Deus, envelhece tudo, então o ser o humano não foge à regra”. Como também somos criados por Deus, temos que nos conformar e aceitar o envelhecer porque Deus é o Outro absoluto. Assim, o discurso religioso é a ancoragem principal desse enunciado.

Esse idoso é bastante engajado nos programas para a pessoa idosa, participando sempre de palestras e reuniões de ONGs. Assim, seu enunciado é também proveniente do discurso do estatuto do idoso, pois antes de seu lançamento em 2003, as pessoas se referiam ao velho de forma negativa e após, o estatuto, ao menos os órgãos que lidam com essas pessoas melhoraram a forma de “enxergar” a pessoa idosa.

P10 mostra, em seu enunciado, que a velhice é algo natural que acontece com todos os seres vivos e que é indiferente ao conceito atual sobre as pessoas idosas. Aqui, o sujeito coloca seu ponto de vista, apesar de estar

de permeio com um discurso de tendência generalista, ou seja, de estar num lugar em que os outros não realizaram uma reflexão subjetiva.

Assim, vale ressaltar o que diz Lebrun (2005) que nenhum dito existe sem que tenha havido dizer. Ou seja, nenhum dito é original, ele é proveniente de outros ditos. O que pode acontecer é quando a pessoa repete o que é dito no meio social pelos discursos médicos, religiosos, culturais e etc, o sujeito tende a intervir no repetível instaurando o diferente, como: a produção de outros sentidos, de outras leituras, de outras interpretações - que marcam a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso, visto que o discurso é atravessado pelo discurso do outro – fazendo com que o sujeito acredite ser o centro de sua enunciação.

Observamos também nesse enunciado uma metáfora produzida por P10 “tudo está na flor da terra”. A metáfora é concebida quando uma significação natural de uma palavra que é substituída por outra, em virtude de uma relação de semelhança subentendida. Ela modifica o sentido da palavra, “ornamenta o discurso”. De acordo com Teixeira (2005), as metáforas remetem a um além discursivo não identificado, o espaço do interdiscurso.

PARTICIPANTE 11 (F, 79 anos)

P11 faz parte do PAI há 15 anos. Mostrou-se uma pessoa bastante comunicativa e alegre. Participa das oficinas de dança, trabalhos manuais, como também dos passeios e viagens oferecidos pelo programa. Ainda em relação ao texto em discussão, P11 diz:

(R22): “Eu também me considero idosa, junto com nosso grupo também, eu acho que [o *idoso*...] que o velho é só a partir de 80 anos pra cima”.

P11 se considera idosa em concordância com os enunciados anteriores do grupo como os de P5, P7 e P9.

Aqui P11 hesita ao perceber o seu ato falho e logo depois se corrige. A hesitação se refere à **não-coincidência das palavras e as coisas**. Assim, entendemos que uma estrutura discursiva aparece e desaparece na relação do sujeito com a alteridade como possibilidade de uma língua, isto é, quando o sujeito consegue escutar seu ato falho, ou quando um outro escuta essa fala.

Em (22) a participante coloca a sua concepção de idosa da mesma forma que o grupo; em seguida ela hesita e conserta o seu equívoco no enunciado, afirmando que “o velho é só a partir de 80 anos”. Assim, ela considera ser velho só a partir de 80 anos. Essa afirmação nos chama a atenção, uma vez que a participante tem 79 anos. Assim, o seu enunciado parece “colado” dos enunciados anteriores, uma vez que não há autoria ou uma inscrição subjetiva.

Os enunciados vistos até agora, como por exemplo: em P7 “o velho e o idoso é um sinônimo, igual”, em P9 “É a mesma coisa um é sinônimo do outro” e em P12 “idoso e velhice é a mesma coisa”, parecem semelhantes, pois, de início, os idosos consideraram velhos e idosos como uma única coisa. Mas, no decorrer dos seus discursos, dão conceitos diferentes para a condição de ser velho e a de ser idoso: o primeiro é considerado um sujeito decadente, inativo e o segundo, é ainda um sujeito ativo, experiente, etc. Caracterizando, assim, um discurso não-coincidente.

Assim, o idoso parece não aceitar ser chamado de velho para não ser marginalizado ou excluído, e procura reafirmar sua condição de ser idoso, buscando um lugar na sociedade que o valorize, e esse lugar é o PAI. Nessa busca, vislumbra um lugar onde possa se identificar, para fugir do enquadramento de ser “velho”. Percebe-se, nesses recortes, o aprisionamento do idoso ao sentido dominante de velhice. Assim, o sentido pejorativo o prende novamente à condição de ser “velho”, remetendo-o ao “maltrato” e a exclusão social.

PARTICIPANTE 12 (M, 75 anos)

(R23) “As duas frases idoso e velhice é uma coisa só, em resumo, é uma coisa só, agora só tem um detalhe que o idoso é mais privilegiado do que o próprio velho, porque o velho, como diz o ditado, né: velho são as estradas, né, mas o idoso porque a gente vai de acordo com os anos, né, vai passando, se passando e se vai ficando mais aprendido, né, vai ficando mais instruído” [...]

P12 diz que idoso e velhice, ou melhor, velho, são uma coisa só e em seguida explica que entre esses dois termos há apenas um detalhe, que o idoso é mais privilegiado que o velho. Nesse recorte, o participante diz que ser idoso é mais privilegiado, pois este carrega consigo mais instrução, mais experiência; nesse momento P12 articula seu enunciado com o texto elaborado por ele mesmo. Refere-se ao velho utilizando um ditado popular que produz um sentido negativo. Assim, seu discurso é atravessado pelo já-dito: “velhos são as estradas” que, nesse caso, concebe o velho com alguém estático. Assim, P12 parece não fazer uma reflexão subjetiva sobre o que é ser velho.

É importante aqui mencionar que no discurso pré-construído – o que se diz de velho e idoso: velho são as estradas e que o idoso é mais instruído - é situada a alteridade discursiva.

O subjetivo não está em uma linguagem como instrumento para exprimir suas “intenções de comunicação”, mas, sim, “no espaço do sujeito afetado pelo pré-construído e pelo discurso transversal, sujeito do inconsciente, efeito de linguagem, falante, ser em línguas, pego na ordem simbólica que o produz enquanto sujeito” (SERRANI-INFANTE, 2006, p.245). Portanto, sujeito cindido, marcado pela falta de completude. A divisão inconsciente/consciente separa o sujeito de parte dele “mesmo”. O dito vai além do querer dizer.

Dessa maneira se diz mais do que se sabe, ao fazer uso dos já-ditos sobre o velho e o idoso, “pois um algo a mais do inconsciente e da determinação ideológica é sempre dito além do formulado ou fala-se para não dizer nada” (AUTHIER-REVUZ, 1995, p.719).

É atestada uma suspensão da responsabilidade do enunciador, que assume a posição de quem questiona o caráter de apropriação da palavra em relação ao discurso no qual figura; a de que ela está deslocada de seu lugar, pertencendo a um outro discurso. Assim, o sujeito não se faz o sujeito da enunciação, e, nesse recorte, ele provavelmente se esconde por trás dela, através de um dito popular. Em **velho são as estradas** há a presença da metáfora, que já foi explicada anteriormente.

PARTICIPANTE 13 (F, 69 anos)

P13 está no PAI há 15 anos. Refere que adora a sua velhice porque tem mais liberdade, uma vez que era muito presa aos filhos e ao marido, mas, agora que já estão independentes, diz que curte mais a vida. P13 participa da oficina de trabalhos manuais, da dança e ainda faz parte de um outro grupo de idosos.

(R24) “O meu pensar do idoso é que já o idoso tem uma experiência, né? Agora quanto à palavra velho aquele que já se entrega em uma frase (...) en-ve-lhe-cer, né, ai se entrega. Eu me considero idosa”.

O significado aqui atribuído à pessoa idosa é de experiente e o de velho é aquele que se entrega às conseqüências da velhice. O enunciado expressa as contradições subjacentes ao jogo de imagens, visto que o referente parece não se enquadrar no perfil que coloca o idoso na contemporaneidade, onde impera um macrodiscurso social considerando a pessoa idosa como dependente e fora de ter de um ideal de um corpo jovem e nem se ajustar à imagem sedimentada de velhice, talvez pela sua participação em um programa de idosos. É interessante também observar que em tal dizer sobre a velhice não escapa das contradições geradas nas relações históricas.

Notificamos a pausa produzida pela participante (...) havendo aí uma ruptura no discurso que é seguida por outra palavra silabada mencionada por

ela: en-ve-lhe-cer, chamando atenção do seu interlocutor. Podemos supor aí uma constante negociação do enunciador que, segundo Authier-Revuz (1998), movido pela ilusão de ser o centro de sua enunciação, e, ao mesmo tempo, impossibilitado de fugir da heterogeneidade que o constitui, uma vez que há outros discursos que atravessam o seu dizer, como por exemplo, o texto de P12 que considera o idoso como experiente.

Assim, P13 pontua seu discurso no sentido de circunscrever o Um (ilusão) do sujeito por um processo de denegação de outras vozes do discurso. É na relação que articula um imaginário de coincidência que o sujeito se inscreve em seu discurso.

Como foi assinalado na fundamentação teórica deste trabalho, não existe, no Brasil, designação específica para a população idosa, mas, algumas vezes, o termo idoso é observado em pesquisas na área da gerontologia, como por exemplo em Santos (2004), e também no cotidiano, com conotação depreciativa. Entretanto, a resposta a qualquer tipo de definição para essa população, depende de como ela é feita e a quem ela é direcionada; não existe uma única conceituação, uma vez que o fenômeno da velhice tem múltiplos significados, contextualizados por fatores individuais, grupais e socioculturais.

3.3 Terceira situação (14 de agosto de 2007): Conversa sobre o texto “Retrato”.

Na terceira situação, a pesquisadora propôs a discussão de um texto de Cecília Meireles sobre a velhice. O texto foi escolhido por ser um gênero textual que ainda não tinha sido trabalhado com o grupo e porque alguns participantes tinham demonstrado verbalmente em uma conversa informal que gostavam de poesia. A partir disso foi escolhido esse texto de Cecília que retrata a imagem da velhice. Essa discussão foi realizada em um encontro. Participaram deste encontro os participantes: 1, 4, 5, 8, 13, 14, 15.

Retrato

Cecília Meireles

(www.ceciliameireles.com.br)¹⁴

Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra. Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida a minha face?

No texto, a imagem é retratada pelo espelho e a autora, ao se ver, relata as características da velhice sentidas e vistas por ela, como: rosto triste e magro, olhos vazios, lábio amargo, coração que nem se mostra. Relata também que não se deu conta da mudança ocorrida ao longo dos anos que é natural e certa. Enfim, autora termina seu texto com uma pergunta: Em que espelho ficou perdida a minha face?

¹⁴ Este texto foi retirado do site www.ceciliameireles.com.br dedicado à obra de Cecília Meireles.

PARTICIPANTE 4 (F, 77 anos)

(R25) “Eu entendi assim [*que elas...*], [*que elas*], eu notei que elas tinham entregue-se a uma velhice, né? lá, ela chamava ali de lábios amargos, os olhos, as rugas, né? O rosto como ela interpretou ali configurado, né? Percebeu que estava ao passo que nós hoje, ainda mais com [*essa...*] ((aponta para o grupo)), estamos tendo a oportunidade aqui no PAM de Areias [...] então nós aprendemos muito assim a lidar com a velhice conviver com ela e nos habilitarmos em termos de corporal [...]. Eu, pelo menos, me sinto assim bem apto [*de...*] no que aprendi [...].”

Na discussão do texto de Cecília Meireles, “Retrato”. P4 se refere à autora utilizando a terceira pessoa do pronome pessoal no plural: **elas**. Aqui, P4 também hesita: [*que elas...*], [*que elas*], indicando uma **não coincidência das palavras e as coisas**. Essa não-coincidência sinaliza para a impossibilidade de captura do objeto pela letra.

P4 articula seu enunciado com o texto proposto: ela chamava ali de lábios amargos, os olhos, as rugas. A idosa dá a sua opinião acerca do texto, afirmando que realmente a velhice foi vista pela autora - referindo-se, nesse momento, a essa como **ela** - por uma visão negativa, por suas conseqüências físicas e emocionais, pois é sabido que os acometimentos orgânicos são mais acentuados nessa fase da vida.

P4 por se inscrever num contexto diferenciado da maioria dos idosos de nossa sociedade, pois participa do PAI, reconhece e se habilita para conviver com a velhice.

O que nos chamou atenção nesse recorte foi o lapso que a idosa realiza em seu enunciado, uma vez que ela faz uma substituição de gênero em seu discurso **apto-> apta**, apontando para um **ele** que não é o sujeito, uma vez que a participante é do sexo feminino. De acordo com a literatura, os lapsos são constituídos de retorno dos significantes que perturbam a cadeia discursiva. Nessa perturbação, observa-se um efeito de linguagem que determina a inscrição do sujeito no discurso. Sabe-se, também, que o sujeito falante

movimenta constantemente seu desejo no discurso, em função do lugar da falta. Assim, segundo Lebrun (2004), é na falha dos seus ditos que o sujeito pode encontrar o apoio que lhe é necessário para sustentar o seu próprio dizer e não se deixar tomar pela aparente certeza dos enunciados da ciência, da cultura, do social. É como se a pessoa se depreendesse do discurso do sendo comum.

A ciência faz desaparecer a dimensão das enunciações, ao passo que a psicanálise não desiste de mostrar que ela foi identificada operando através das vacilações das falas, dos hiatos, dos atos falhos, das incoerências, das hesitações, pois é levando em conta a dimensão das enunciações que se reconhece o lugar do sujeito (LEBRUN, 2004).

Ao dizer que se sente apta, P4 hesita mais uma vez **indicando uma não-coincidência das palavras e as coisas**, ou seja, a impossibilidade de captura do objeto pela letra.

PARTICIPANTE 5 (F, 68 anos)

(R26) “Ela seria ((referindo-se ao texto “Retrato”)) na minha opinião, né? Ela seria como um tempo atrás, né? [É...] [é...] [é...] um tempo atrás que não tinha o que pensar num determinado dia, determinado lugar, tentando se acomodar em casa porque não tinha um espaço que fosse pra ocupar a mente [...]”

P5 hesita ao falar sobre o tempo atrás indicando uma **não coincidência das palavras e as coisas** como uma impossibilidade de captura do objeto pela letra.

Nesse recorte discursivo a participante diz que o texto se refere a um idoso no passado: seria como um tempo atrás. Aqui, assinalamos que o verbo “ser” é empregado no futuro do pretérito que pode designar um fato passado, mas de incerta localização no tempo ou um fato posterior hipotético com

relação a outro já passado. Quando ela diz: **como um tempo atrás** se refere às condições de vida do idoso num passado em que não existiam grupos de idoso e nem atividades voltadas para ele. Assim, ela ratifica essa questão afirmando: não tinha um espaço que fosse pra ocupar a mente.

PARTICIPANTE 14 (F, 72 anos)

(R27) “Eu nem me olho no espelho, não gosto não, é estranho, mas o que posso fazer? Sou velha mesmo”.

P14 afirma que não gosta de se ver ao espelho porque acha estranha a imagem que vê nele.

Esse enunciado apresenta a negação da velhice, velhice que parece confirmada através da imagem do espelho e que não há a agrada, mas que tem que se conformar porque “sou velha mesmo. Há aqui a idéia de afirmação **eu me olho no espelho** contida na negação **nem**. Mas, o efeito propiciado pela idéia de negação no discurso, na perspectiva deste trabalho, aponta para a presença do **Outro** no um. A negação faz emergir um já-dito, afirmado antes, em outro lugar, e que pode ser atribuído a um **Outro**.

Podemos refletir sobre esse recorte pela via do Outro, conceito lacanianiano, que se refere a uma posição simbólica, a um lugar que tece o discurso e constitui o sujeito. Esse Outro é o que impõe limites. A psicanálise coloca em cena um corpo, atravessado pelo Outro, atravessado pelo desejo, pelo sofrimento, corpo habitado por um sujeito que tem uma maneira própria de conduzir a realidade. A negação estabelece com o Outro uma relação de contradição.

O **estranho** dito por P14, é o que não se reconhece na imagem que vê de si mesmo, pode ser compreendido como “o lugar do Outro que habita o sujeito e que permanece fora de seu alcance” (KAUFMANN, 1996, p.174).

Esse Outro é o que está atravessando o enunciado de P15, ou melhor, é o discurso estético, em que há a valorização de um corpo jovem. Essa

valorização pode fazer com que o idoso não se enquadre na sociedade atual por ter perdido o corpo jovem.

PARTICIPANTE 1 (F, 74 anos)

(R28) “Eu concordo com uma coisa, é porque a gente, as pessoas sofrem mais porque tem gente que não aceita ser velho de jeito nenhum. Num viu a outra ((aponta para a colega)) dizer que não se olha no espelho e nem aceita a morte. Tem que aceitar a morte”.

P1 diz que a gente, ou melhor, as pessoas sofrem mais com a velhice por não aceitar ser velho. Ao dizer a gente, ela se equivoca, mas logo se corrige dizendo as pessoas. O equívoco indica algo provocado pelo real da língua, ou seja, a alíngua conferindo à língua o estatuto de não-todo, uma falta que escapa ao sujeito, que pode indicar uma quebra em seu discurso, algo que não pode ser descrito no fio discursível, mas “ali deixa seu traço, como dizendo respeito a um outro” (TEIXEIRA, 2005).

Ao dizer as pessoas, ela está se referindo aos outros e não a ela, dando um sentido que ela aceita ser velha. Essa referência que ela faz ao afirmar que as outras pessoas não aceitam a velhice é ratificada quando a participante aponta para a colega, reportando ao que esta tinha dito no enunciado anterior. Ao apontar para a colega a presença do tu é explicitamente convocado indicando a presença de uma não-coincidência interlocutiva entre o enunciador e o destinatário indicando que um sentido não são partilhados entre eles: “num viu a outra dizer que nem se olha no espelho e nem aceita a morte. Tem que aceitar a morte”. Aqui, o sentido produzido é que P14 não aceita a morte mas P1 aceita.

Assinalamos neste recorte que P1 sugere que não aceitar a velhice é não aceitar a morte. A relação velhice e morte foi trazida por Morin (1999) ao afirmar que o ser humano ao rejeitar a morte como rejeita tende a rejeitar a velhice.

PARTICIPANTE 13 (F, 79 anos)

(R29) “Eu aceito a velhice, mas embora eu aceite, eu não quero ficar velha por isso que pinto meu cabelo para ficar mais jovem. Meu coração é jovem, gosto de trabalhos manuais, gosto de pintar, gosto de passear”.

Nesse enunciado, observa-se a contradição marcado pela conjunção adversativa **mas**. Percebe-se que aqui a participante fala que aceita a velhice e logo depois afirma não querer ficar velha. Isso ocorre no fio discursivo, pois, segundo Authier-Revuz (1998), há sempre a não-coincidência do dizer calcada em termos de uma representação fantasmática que o sujeito faz de seu próprio discurso. Ela é fantasmática por sabermos que há uma distância delimitada (do Outro no seu próprio discurso) que inaugura uma ilusão do sujeito acerca de ver a si mesmo como o centro da enunciação, sem se deixar prender nesta representatividade ilusória, assim seu discurso é não-coincidente.

De forma mais sintética, isto ocorre porque partimos do pressuposto de que o ato de linguagem é um acontecimento em que o sujeito está em dissonância com a imagem de seu interlocutor. O Outro é espaço especular e o sujeito é inscrito no jogo intencional do Um desse Outro.

P13, em seguida utiliza a negação **não** acompanhada do verbo “ficar” no infinitivo indicando um fato futuro. Ainda nesse recorte, a participante utiliza um verbo no tempo presente “pinto” e ainda usa novamente o verbo ficar acompanhado pela ação futura de permanecer jovem. Posteriormente, ela faz uso de verbos no tempo presente indicando que as ações que ela realiza no presente fazem com que ela se sinta ativa, ou melhor, jovem.

Assim, o enunciado de P13 está atravessado por um discurso estético em que há a valorização de um corpo jovem, e a partir do momento em que a pessoa não possui mais esse corpo, ela não é aceita, ficando as margens da sociedade.

Quando enuncia: “pinto meu cabelo para ficar mais jovem”, o fato de pintar os cabelos pode mascarar o verdadeiro sentimento na velhice, a partir do momento em que ela não se permite se sentir velha, e, provavelmente, isso não é o bastante para que ela se sinta jovem.

Em “Meu coração é jovem” sugere que a parte exterior de P13 é de uma pessoa com idade avançada, mas que o seu interior é jovem. Ter o coração jovem pode está relacionado aos seus sentimentos como também pelo desejo de fazer sempre coisas diferentes “gosto de trabalhos manuais, gosto de pintar, gosto de passear”.

PARTICIPANTE 8 (F, 74 anos)

(R30) “Desde menina, quando eu era pequena, eu já gostava da minha cabeça branca, aí eu dizia: “quando eu crescer e ficar com minha cabeça branquinha assim, eu quero continuar com ela branca, então eu cresci e continuo do mesmo jeito, adoro a minha cabeleira, continuo falando que eu gosto; tem muita gente que pinta”.

Em contraposição com o enunciado anterior, P8 refere gostar da sua cabeça branca desde menina. Ao empregar a preposição **desde**, que significa “a começar de”, a participante relaciona seu gostar de cabelos brancos com o passado, tempo em que era menina, e o traz para o presente, quando já é uma idosa. Aqui, com as colocações **quero continuar** e **continuo falando**, expressões que têm sentido de ação continuada, P8 ratifica seu discurso não deixando dúvidas de que pretende continuar com a cabeça branca.

Cabeleira branca é uma das características mais marcantes do avanço dos anos, o que leva muitas pessoas a mascararem-na com a tintura, buscando driblar a própria velhice. Sendo assim, esse é um ponto que nos leva a considerar que P8 está satisfeita com sua condição de idosa.

A participante deixa como efeito de sentido de que seu discurso, com relação a uma marca tão acentuada da velhice, não mudou com o decorrer dos anos, nem quando essa marca se fez notar em si própria.

Assinalamos que em contrapartida ao seu desejo “desde menina” de ter a cabeça branca existe o discurso do PAI que prioriza o não se sentir velho, não ter características de velho, ou melhor, não ter a cabeça branca.

PARTICIPANTE 15

(R31) [...] “agora a gente tem que, como é, tem que se conformar porque a gente não podia ficar novo toda a vida, né, tinha que envelhecer, mai eu não estou dizendo assim porque eu não gosto não, num sabe que eu estou velha, num vai dizer que sou nova, sou velha” [...]

P15 relata, incluindo-se no enunciado, que “a gente tem que se conformar”, justificando sua opinião ao alegar que todas têm que envelhecer, ou seja, que isso faz parte do ciclo de vida normal.

Comparando o recorte (25), à referência de P15, há a constatação de como o contexto onde o discurso é produzido tem relação direta com a produção discursiva da participante. Quando a participante começa a se manifestar nesse discurso, deixa-se levar pela linha discursiva traçada pelo PAI, linha esta que não lhe permite sentir-se velho. Assim, ocorre o apagamento da subjetividade.

O lugar em que esse discurso foi produzido, não permite - que o sujeito se sinta velho, uma vez que participa de um programa voltado para atender os idosos, proporcionando atividades físicas e mentais, programa esse que não aceita o idoso dependente, inativo.

A interferência direta do lugar que o enunciado é produzido, na materialidade lingüística do enunciador, pode indicar uma constante negociação deste que, segundo Authier-Revuz (1998, p.162), movido pela

ilusão de ser o centro de sua enunciação e, ao mesmo tempo, impossibilitado de fugir da heterogeneidade que o constitui, pontua seu discurso no sentido de circunscrever o Um (ilusão) do sujeito por um processo de denegação de outras vozes do discurso. É na relação que articula um imaginário de coincidência que o sujeito se inscreve em seu discurso.

Um novo conceito de ser idoso vem à tona. O PAI, assim como outros programas para idosos, procura proporcionar ao idoso, a motivação para que invista em projetos de vida, e a chance de realizá-los, de aprender, trocar experiências com os demais participantes, etc. Por isso é que podemos perceber em seu discurso, a não aceitação de ser velho: aceita-la seria ser decadente, dependente, impossibilitado de investir em projetos para um futuro próximo. Assim, observamos claramente o mito de considerar a velhice como sinal de fragilidade, decadência e/ou dependência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca são fáceis os caminhos da escrita; há que suportar a falta estrutural da linguagem, há que suportar o mal-entendido, há que suportar que somos, muitas vezes, escritos pelo movimento da própria escrita. Entretanto, é pelo fracasso de toda escrita, pelos mal-entendidos que sempre deixam buracos – entranhas através das quais, o outro, o leitor, poderá se inserir – que os efeitos de sentido ganham a sua força. (MUCIDA, 2006)

Levando em consideração o objetivo do presente trabalho - analisar o discurso do idoso sobre a velhice - e, evidentemente, a abordagem metodológica utilizada, tornou-se possível verificar algumas particularidades intrigantes no fio intradiscursivo.

Nos discursos dos participantes, pudemos observar a presença de fatos discursivos tais como: atos falhos, hesitações, negações e não coincidências, com maior predominância das não-coincidências das palavras e das coisas, o que indica uma impossibilidade de captura do objeto pela letra, levando à quebra do sentido do discurso.

A análise desses fatos foi possível a partir da consideração do atravessamento do sujeito da psicanálise (inconsciente) no discurso dos participantes, uma vez que os fatos discursivos denunciam a presença do Outro, como também aponta para a língua - o real da língua - como algo que escapa ao sujeito.

Em relação aos sentidos concernentes à velhice e ao envelhecimento, observamos que os discursos foram atravessados por outros pré-construídos, produzindo diferentes efeitos de sentido, o que caracterizou, assim, a heterogeneidade discursiva no fio intradiscursivo.

Um desses atravessamentos, o do discurso religioso, produziu um efeito de sentido de conformismo e a conseqüente aceitação da velhice porque vem de Deus, constatado na afirmação de que “a velhice é coisa que Deus deu à gente”.

Os discursos foram atravessados, também, pelo discurso estético de valorização do corpo jovem, relacionando-o ao vigor físico: “não me considero velho, porque faço duas horas de ginástica por semana”. Outra produção de efeito de sentido atravessado pelo mesmo discurso foi a referência aos artifícios utilizados para mascarar a velhice: “eu não quero ficar velha, por isso que pinto meus cabelos para ficar mais jovem”.

Observamos também o atravessamento de um discurso médico, produzindo um efeito de que a velhice e o processo de envelhecimento estão relacionados ao desgaste biológico adquirido com o passar dos anos: “quem envelhece é a matéria, as carnes e os ossos”. O discurso médico também produziu um efeito de que a velhice é igual à doença, pois que nela as afecções se fazem presentes.

O atravessamento do discurso pelo outro mostra que o sujeito é movido pela ilusão de ser o centro da enunciação e que não tem o controle sobre a produção de sentidos. O que acontece é a mobilização de um repetível que é reatualizado em seu discurso (ressignificando-o). Ao realizar isso, o sujeito instaura o diferente: a produção de outros sentidos, de outras leituras e de outras interpretações que marcam a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso (TEIXEIRA, 2005).

Em relação ao discurso sobre a vivência e o sentimento da velhice, a partir dos enunciados dos idosos participantes, observamos que eles encaram a vida positivamente e se sentem felizes na velhice, como mostram seus próprios relatos: “é a melhor fase da minha vida”, “sobre a velhice eu não tenho o que dizer”, “acho melhor ainda a minha vida”, “agora é que eu tô vivendo”. Essa vivência e esse sentimento talvez estejam relacionados com o que o PAI procura proporcionar. Mas pudemos concluir que o sentido primeiro, superficial, foi desestabilizado pela enunciação quando seus enunciados aparecem não-coincidentes, contraditórios.

A maioria dos participantes da nossa pesquisa se classificou como idosa e não velha. Essa consideração pode estar estritamente relacionada com o lugar em que foram produzidos os discursos. O PAI procura incutir nos

participantes a idéia de que não são velhos, mas idosos, conceituação mais positiva dos seres da velhice, por considerá-los parte integrante da sociedade.

Foi visto nessa pesquisa que o PAI, assim como outros programas similares, procura proporcionar a (re)integração dos idosos. Apesar disso, é sabido que essa integração do idoso é limitada, haja vista a não aceitação da velhice em nossa sociedade, como também, numa análise mais profunda, o limite da integralidade na própria inconclusão do ser humano. Então, a “integração” do idoso do PAI ocorre através de inúmeras atividades (tanto físicas quanto mentais), fazendo com que esse idoso se sinta ativo e participativo, permitindo-lhe viver bem a sua velhice, fazendo dessa fase uma continuação da vida e não o seu fim.

Podemos considerar também, a partir da análise dos enunciados, que a Oficina de Linguagem favoreceu uma escuta desses participantes acerca de suas histórias de vida e de suas expectativas na velhice. Isso, conseqüentemente, gerou uma valorização da singularidade dos participantes, sendo este um dos pontos mais importantes que esse trabalho pretende deixar como contribuição.

Esse trabalho fez com que os próprios idosos refletissem sobre sua velhice e também fez com que eles expressassem seus próprios desejos. Essa questão pode ser vista quando uma das participantes diz: “eu não tinha pensado sobre isso”

Uma das aspirações do nosso trabalho consiste em instigar o leitor e profissionais dedicados aos idosos a se interessarem por pesquisas nessa área de conhecimento ainda tão incompleta quanto a própria linguagem. O aumento da perspectiva de vida dos brasileiros requer, não só a adoção de políticas públicas de proteção ao idoso, mas principalmente que os que atuam nesse campo lancem um olhar humanitário sobre esse segmento da sociedade, contribuindo para que não falte ao idoso estímulos que o ajudem a ultrapassar as barreiras que o envelhecimento traz. Assim sendo, seu discurso não pode cair no vazio, por ser uma rica fonte de informações para novos estudos.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras Incertas – as não coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

_____, J. **Ces mots qui ne vont pas de soi**. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. 2 vol. Paris: Larousse, 1995

BALTES, P.B. On the incomplete architecture of human ontogeny: selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American Psychologist*, 52(4), 366-380. In: SILVA, I R; GUNTHER, I A. **Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida**. *Psic.: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102

BARROS, M L. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 109-142.

BEAUVOIR S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

BOBBIO, N. **O tempo da memória: senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOBBIO N. Constituição da república do Brasil. In: NETTO, P. M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Ed. Atheneu, 1996.

BRANDÃO, H N. **Introdução a Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

BRETON, D. **O fim do corpo**, caderno Idéias JB, publicado em 17/03/2001

COSTA, J F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEBERT G G. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias. In: Moraes M, Barros L. **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1998. p.49-67.

FARIA, M M. O idoso na legislação brasileira. In: NETTO, P M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** São Paulo: Ed. Atheneu, 1996.

FEATHERSTONE, M. & HEPWORTH, M. The mask of aging and the postmodern life course. In: M. *et al* (orgs.). **The body, social process and cultural theory.** London: SAGE, 1991, p.147-162.

FERNANDES, F S. **As pessoas idosas na legislação brasileira: direito e gerontologia.** São Paulo: LTR, 1997.

FERREIRA, M C L. O quadro atual de discurso no Brasil: Um breve preâmbulo. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M C L. **Michel Pêcheux e a análise do Discurso: uma relação de nunca acabar.** São Paulo: Claraluz, 2007.

GADET, F; PÊCHEUX, M. *La langue introvable.* Paris: Maspero, 1981.

GAMBURGO, L.P. **Envelhecimento. Linguagem e qualidade de vida.** Acessado em 30 de Abril de 2003. Online. Disponível na Internet no site <http://www.fonoaudiologia.com.br>

HOUAISS, A V, SALLES M, MELLO F F M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004;

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1992;

KAUFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – O legado de Freud a Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996;

KEHL, M.R. **Sobre a Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 2002;

LACAN J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998;

LEBRUN, J P. **O mundo sem limite**. Ensaio para uma clínica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEITE N.V. **Psicanálise e Análise de Discurso: o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Editora Campo Matêmico, 1994.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: Orlandi, E P (org). **Gestos de leitura**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

_____. **Re(lire) Michel Pêcheux aujourd'hui: la linguistique et son doublé**. In: MALDIDIER, D (org). *L'inquiétude du discours*. Paris: Éditions des Cendres, 1990, p. 7-91.

MARTINS, CRM. **O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de representações sociais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Departamento de Psicologia, UFSC, Florianópolis, 2002;

MAC KAY, A P. Envelhecimento e linguagem. In: MARCHESAN, Irene Queiroz; ZORZI, J L; GOMES, I C. D. **Tópicos em Fonoaudiologia**. 1. ed. São Paulo: Lovise, 1996.

MATOS, J C. Uma compreensão sobre a ciência: desconstruindo a dicotomia teoria/prática. *Revista de educação EAC*, 2005.

MESSINA, M. **Dimensões do envelhecer na contemporaneidade** In: Estados Gerais de Psicanálise: Segundo Encontro Mundial – Rio de Janeiro, 2003;

MILNER, J C. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987;

MORIN, Edgar. **O Método II – A vida da vida**. Portugal. Publicações Europa-América, 1999.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. Psicanálise e Velhice. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

NERI AL. **Envelhecer num país de jovens** - significados de velhos e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas (SP): Editora da Unicamp; 1991

ORLANDI E. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes editores, 2003.

PÊCHEUX M. **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes Editores, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX M. A análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, F; HAK, T (Org). **Por uma análise automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1993.

PEIXOTO C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velhos, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES M, BARROS L, DEBERT G, PEIXOTO C. **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1998. p. 69-84.

RODRIGUES, R A R; MARQUES, S; FABRÍCIO, S C C. **Envelhecimento, saúde e doença**. Editora Científica Nacional. Rio de Janeiro, v.4, no. 1, p.15-22, março, 2000.

SANTOS, S.S.C. **Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin**. Acessado em 12 de janeiro de 2004. Online. Disponível na Internet em <http://www.textossobreenvelhecimento.com.br>.

SERRANI-INFANTE, S. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**/Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira (orgs.) – Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, p.281 – 321, 1999.

SILVA, I R; GUNTHER, I A. **Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 16, n. 1,

2000. Disponível

Em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

SOUZA, C M B. Gerações e envelhecimento: um campo de pesquisa em construção in: PEIXOTO, C E (org). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

TEIXEIRA M. **Análise de Discurso e psicanálise**: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: Edipucrs, 2005

TEIXEIRA, M. A constituição do sujeito discursivo. In CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. **Discurso e sociedade**: práticas em análise do discurso. Pelotas: Educart, 2001.

ZEPPELLINI JUNIOR, J C **O mal-estar no envelhecimento**: sujeito, pathos e as quatro estações 2007. *Latin-American Journal of Fundamental psychopathology on Line*, V, 1, 34-46

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Acredito ter sido suficiente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo o **Discurso do idoso sobre a velhice**.

Eu discuti com a fonoaudióloga Juliana de Souza Falcão sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer tempo.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data: ___/___/___

Assinatura do entrevistado

_____ Data: ___/___/___

Assinatura do pesquisador

_____ Data: ___/___/___

Assinatura do orientador

Fga. Juliana de Souza Falcão

CRFa. 7860/PE

F: (XX) 00005835/ 00001264

Observações:

Transcrições

Situação 1:

PARTICIPANTE 1: Eu tô muito satisfeita até agora, viu? Meu nome é E.L.C, eu tenho 73 anos, no próximo novembro completarei 74... Eu estou muito bem até agora, eu estou ótima sabe, eu não invejo a ninguém, nada de ninguém porque eu faço 2 horas de exercício por semana, eu caminho 4 horas às vezes 5 horas por semana, cada dia 1 hora, eu sou diabética há 20 anos, faço dieta, por isso que eu sou assim magrinha, tenho 49 quilos, faço minha dieta, eu só saio da dieta, mas consciente, tudo que eu faço tenho consciência, eu tenho consciência de tudo na minha vida, da minha idade, da minha doença, ela não mata, viu, mas intoxica a diabete (ininteligível) você fazendo a sua dieta e o seu exercício.

PARTICIPANTE 3: Vai, pula a doença, fala de alegria.

PARTICIPANTE 1: Oxente, num é o que eu sinto, é a minha doença, só quer dizer alegria é? Mas não me preocupo não, sabe, agora eu sinto que eu sou, eu acho que foi a minha vida que eu levei até certo tempo, porque não é brincadeira não eu me casei em 60 e 73 eu perdi meu marido, fiquei com três filhos pequenos: 5, 8 e 10 dependendo de mim, eu trabalhei muitos anos de noite, minha filha, eu dormia 1 hora por noite, muitos anos eu eduquei meus numa máquina de noite porque de dia eu não tinha tempo cuidando deles, levando para escola os dois menores, portanto eu agora me sinto outra, eu estou vivendo agora e depois que eu entrei no PAI agora é que tô vivendo.

PARTICIPANTE 2: Dançando o pastoril.

PARTICIPANTE 1: (Risos) Agora eu só vou achar ruim quando eu ficar, quando eu ficar, mas Deus não vai fazer isso comigo não, quando eu ficar do jeito que não puder fazer nada pra mim, ai...

PARTICIPANTE 2: Ficar dependendo.

PARTICIPANTE 1: Ficar dependendo, ai eu não quero mais ter vida, eu todo dia peço a Deus nas minhas orações, oxe, que eu só quero ter vida até fazer minhas coisas porque eu moro som eu não tenho quem compre o pão pra mim, eu tenho de ir, apoi, mai eu que to muito feliz, eu ocupo, eu acordo as 5 da manhã com essa idade, vou dormir de 10 horas, 10 e meia da noite, mas de dia tenho meus serviços e de noite lendo. Eu faço caça-palavras, eu faço palavra-cruzada, eu leio, gosto muito de ler, sábado e domingo eu leio o jornal, só não leio compra de casa, venda de terreno, eu não leio não, mas o resto todinho eu leio, aquelas propagandas todinhas eu leio, ta na mente (ininteligível), entendeu? Gosto de jogar dominó, me divirto demais e fico pedindo a Deus já chegar o dia da reunião pra ver as minhas colegas daqui, pra mim eu sou, agora com essa idade, eu sou realizada, se eu não tenho tudo que eu pensava de ter, mas Deus só dá aquilo que a gente merece, Deus não dá mais do que aquilo, se você merece estudar, Deus dá um jeito de você estudar, agora se não merece (gesto com a mão). O que me preocupa sabe o que é? É meu ordenado que é pouco e as contas a pagar todo mês aumenta, ai me preocupa. Agora vá lá (aponta para a colega ao lado) diga logo seu nome, faça feito eu, diga logo sua idade ai (risos).

PARTICIPANTE 2: Meu nome é B, to com 71 anos (risos) faz 15 anos que eu to aqui no PAI e procuro participar de tudo, dos ensinamentos daqui, das reuniões, participo sempre de tudo, só não de muitos passeios porque às vezes a grana ta pouca mas sempre que eu posso eu vou, já agora to dando uma de professora que nunca fui na vida (risos) pra ensinar as amigas aqui, né? E assim eu vivendo e sobre a velhice eu não tenho nada a dizer não, eu tô bem, eu nem vi a velhice passar.

PARTICIPANTE 3: Chegar, mulher.

PARTICIPANTE 2: Tô tranqüila, vi nem chegar, é, eu nunca me preocupei: Ah! Eu vou fazer 40 anos, eu vou fazer 50 ano, eu não, não teve nada disso, tudo bem (risos).

PARTICIPANTE 4: Eu sou J.M, tenho 72 anos, é a época mais feliz da minha vida é essa porque antes, eu antes não fazia nada, fazia as coisas de casa, sempre trabalhei né, bordava ponto – cruz, tricô, etc, agora tem mais o que fazer, porque eu sou da igreja, faço parte da igreja, eu sou do apostolado da oração e aqui, aqui eu participo dos grupos, de da parte, faço parte do coral e to participando de alguns grupos daqui de de alguns eventos que tem aqui dentro e há 8 anos vou levando a minha vida felicíssima aqui, passeando e cantando pelo meio do mundo. Assim, vou levando a minha vida.

PARTICIPANTE 5: Eu sou M.P.M, tenho 68 anos e sou uma pessoa muito extrovertida assim dentro do possível e sou assim e sou privilegiada por participar desse grupo do PAI. Aqui dá muita oportunidade de acompanhamento, médico, de exames, muitas vantagens. E tem também a companhia de todas as idosas como eu mas nós não se considera idosa porque o espírito da gente não envelhece, quem envelhece é a matéria, assim as carnes da gente, os ossos que a gente vai perdendo (ininteligível), osteoporose, essas doenças todas mas quem tem cuidado e ler e procura se divertir um pouco, a família também apóia muito conforme a família de cada um, então isso ajuda muito na vida do idoso porque essas que vivem sozinha, muito pensativas e tudo isso acarretando muita doença mental, acredito e graças a Deus eu sou uma pessoa feliz com doenças e tudo, que nós todos temos doença mas sou feliz. Obrigada.

PARTICIPANTE 6: Meu nome é M.D, tenho vou completar 77 anos agora no dia 20 de setembro, faço parte daqui do Pai, participo de alguns eventos também e procuro me ocupar. Eu não acho a velhice uma doença, né, nem uma coisa triste para mim, é boa, pra mim a velhice é boa, eu ando, eu passeio, eu me divirto e só tenho a dizer uma coisa: a gente envelhece mas o coração não envelhece então eu me sinto jovem.

PARTICIPANTE 7: Eu me chamo A S eu me sinto, tô feliz em ser aqui dentro porque eu vivia muito solitária em casa, parada sem sair pra canto nenhum. Aqui eu acho uma diversão, a gente no meio das pessoas, a gente se sente mais a vontade porque eu acho que a pessoa viver somente só em casa sem sair pra canto nenhum, somente vai ficando parada, né? E ai vai se movimentando, né? Eu não me considero uma pessoa uma idosa, eu me considero uma pessoa normal, uma pessoa como que seja uma criança que eu acho que a velhice não é, não é novidade não, a velhice isso é coisa da natureza é uma coisa que Deus deu a gente, a gente não pode ter medo dela não, porque é isso mesmo, não tem outro jeito mais, mas pra gente se divertir mais um pouco e se esquecer que existe velhice, deixa a velhice pra trás, não existe velhice porque a velhice quem faz é as pessoas, ah porque sou velha, fulano é velho porque não, eu não me considero uma pessoa, to com 70 anos, não me considero uma pessoa velha não, viu? Obrigado.

PARTICIPANTE 8: Eu sou R.B.J, me sinto feliz, já fiz 80 anos mas graças a Deus me considero feliz e tenho uma família maravilhosa, estou nesse grupo já há três anos e sou muito, como se diz, comunicativa com minhas amigas, tenho muitas amizades boa aqui presente com vocês e outras que já fiz parte, já passei com esse grupo, gostei muito. Dra. C. é uma maravilha de pessoa, muito esforçada, muito atenciosa com todos nós, isso pra mim é uma segurança, eu tenho essa idade, mas não me considero velha, eu sou da terceira idade mas velha eu não sou porque eu faço hidroginástica, eu já fiz yoga, mai eu pulo, eu me visto com a perninha só roupa íntima, me seguro, não preciso me segurar em nada, já hoje eu já fiz minha hidroginástica e fá to por aqui, graças a Deus, tenho seis filhos muito bacana, estou pra viajar, se Deus quiser pra Bahia em outubro, vou pra um casamento de um neto que faz muita fé pra mim: vem vó, não perca, venha mesmo. E graças a Deus sou feliz, porque tenho onde morar, graças a Deus tenho seis filhos que são os meus brilhantes.

PARTICIPANTE 9: Eu não conheço velhice, eu acho que velhice é um estado de espírito que a pessoa é que bota na cabeça, tem uma limitação, toda pessoa a idade chega tem sua limitação, né? Eu procuro, não fico parada

dentro de uma casa, eu saio tanto que o pessoal lá de casa já conhece, levo muito assunto, proposta. Eu passei 2 anos participando lá na ONG lá em Ponte dos Carvalhos e aí tinha uma psicóloga num dia e no outro um grupo de auto-ajuda, tinha pessoas com uns problemas mais ou menos igual, eu já fiz também 1 ano, recebi alta, aí eu saí [pra...], saí praqui, ainda não achei ... melhorei tanto.

PARTICIPANTE 10: Agora é a minha vez. Na velhice a pessoa não pode parar. Não parar porque qualquer coisa vem e toma conta da gente, você não vê o caso da pessoa com Alzheimer, Alzheimer tá ligado a isso, a vida sedentária, parou. Um paralisado no trabalho, um amigo meu que ele tava esperando... e eu posso dizer o seguinte: há muito tempo eu assisto palestras pra idosos, é aqui, no Centro de Convenções, na Católica, tudo isso, tem vezes que tem palestras de idade, de vida sedentária, então eu fui absorvendo um pouquinho, vinha palestrantes do Rio, de Belo Horizonte, da Bahia e eu acompanhava, então eu fui me conscientizando, se eu fizer isso vou ficar assim e se eu não fizer vou ficar assim, não tem diferença nenhuma, nunca eu vou parar, então eu comecei a me movimentar, fazer tudo, tudinho que vem na minha frente eu faço, eu to em todas. Faço um curso na UNAITI, na universidade, eu terminei agora Ética e Cidadania, um curso formidável, de faculdade de música, já fazem 7 anos que faço curso lá e faço aqui no PAI, faço pintar, faço xadrez, aula de dança, palestra, aula de dança, palestra. Uma coisa é passear com idoso, faço parte de outro grupo na Imbiribeira chamado Tia Maria que faço a mesma coisa, jogo xadrez no Santos Dumont, eu tenho, 5,6,4 dias durante a semana que eu não paro, às vezes é duas vezes, de manhã e de tarde, e me habituei com isso, aí eu sou, modéstia a parte, eu sinto sinto que eu sei viver porque eu, como outras senhoras aí da minha idade, tô com 80 anos, tranquilo, cinco e meia da manhã eu estou fazendo *cooper*, caminhando na academia do bairro, cinco e meia da manhã eu vou caminhar, não me sinto aborrecido, não me sinto cansado, aí vou para casa, me alimento, minha vida é essa e passear, passear pra cidades aqui do estado e pra cidades fora do estado. Aqui no estado quase todas as cidades eu conheço. Agora no São João fui pra Taquaritinga, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru, Nazaré da Mata, tudo forró, tudo pertinho do outro e fora e fora isso foi

excursão. Agora, semana que vem dia 13 eu vou pra Triunfo e não pára e quando não é isso é pra outro estado: Piauí, João Pessoa, Maceió, é Aracaju, Salvador, Espírito Santo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, fora outras cidades, conheço tudo isso aí, só passeando. Velho eu sei que to, idoso eu sei que to, quando eu parar, eu não morri porque quem determina isso não sou eu e nem ninguém é aquele lá de cima, quando chegar o meu fim aí eu vou, mas eu vou, deixa eu confessar uma coisa a senhora nada na minha vida eu tenho que lamentar , tudo que tinha direito de fazer na minha vida eu fiz. E não me arrependi. Tudo que tinha que fazer na minha vida eu fiz porque eu pensava assim: eu vou deixar me aposentar, eu devia ter feito isso, nada, nada, tudo eu fiz não tenho nada, nada pra me lamentar. Eu morei 34 anos em São Paulo, sofri, me acordei, me acordei vim pra Recife, foi uma decisão meia a contra-gosto, aí vim porque eu gosto muito de São Paulo, sou pernambucano de nascença mas paulista de coração, eu gosto muito do estado de São Paulo, foi lá que me fiz na vida e aí eu hoje continuo, não tenho nada, nada a me lamentar.

PARTICIPANTE 12: Meu nome é S. I. N, tenho 75 anos de idade, sou casado, tenho a minha esposa de nome D.P.H e dois filhos que na passagem quando eu estive na marinha conheci uma moça por nome M e aconteceu. Não vivo com eles, eles ficaram lá no Rio por um motivo dado pela mãe deles. E aqui estou e permaneço, sempre animado, sempre correto nos meus afazeres e sinto (...),[apesar de...] da idade, mas nunca me sinto velho sempre novo e destemido, gosto muito de anedotas. Aqui no programa do PAI tenho quatro funções, é (...) trabalho e faço o esporte de basquete, futebol, nataçãõ e faço parte do coral e por último me pagaram pra eu fazer mais um programa de teatro, né? e aqui estou continuando a vida, sempre animado como sempre, né, porque é o tanto como nós fazemos porque se nós paramos ficamos aonde estamos, se continuarmos a vida continua dia-a-dia e quando Deus achar que devo partir dessa vida para outra, ele me chamará e eu atenderei de bom gosto. Assim é a minha discriminação da minha vida de hoje.

PARTICIPANTE 14: Bem, eu sou B.P.S, tenho 67 anos sou casada, meu esposo se chama J.V.S, tenho 6 filho homem e 2 mulheres, uma tá no Recife e a outra ta em Portugal. Eu vivo bem, graças a Deus, tenho muitos amigos, gosto muito de passear, eu não conheço velhice não, não sei que doença é essa apesar que todo mundo tem suas conseqüências da velhice, né? Mas é só driblar elas, não sinto cansaço pra fazer minhas coisas, faço hidrogenástica, faço caminhada, faço parte do coral da igreja, eu num paro um dia em casa, nem no sábado de tarde. Eu tenho reunião, eu cuido de velhinhos dos vicentinos, sou muito feliz com meus filhos, tenho 15 netos, a maioria é tudo moça, tem umas [meninas...] minhas netas são lindas, só que é tudo novinha elas, mas, a mais velha tem 16 e o mais velho tem 18. Mas eu vivo bem, gosto de viver, a minha força em tudo desde eu novinha é meu Deus. Agradeço a ele cada dia, cada dia que ele me dá da minha vida. O primeiro ato da minha vida quando eu acordo é sentar na cama e agradecer pra poder me levantar, fazer minhas coisas e, apesar de sentir, sinto uma dor no pé, uma dor ali, Ele me dá força e eu faço. De noite tá tudo pronto e ainda vou passear. Já fiz hoje tudo que tinha pra fazer, eu já fiz minha aula de hidro e já estou aqui. Quero agradecer a Deus as amizades, tenho muito amizade boa, muitas, já passeei muito [é...] [minto] espero passear mais, né? Porque o dinheiro tá muito curto, mas eu tenho uma pra Tacaratu em janeiro, uma pra Fortaleza e tenho uma em dezembro pra passar o dia em Tamandaré com a turma da hidro. Já ta tudo esquematizado. Tudo pronto, se Deus quiser e em junho vou pra Fortaleza de novo, não, [é...] é Sergipe. Obrigado e obrigado pelos amigo, pela professora que é maravilhosa, que Deus abençoe ela cada dia e cada hora nos seus estudos. Obrigado por tudo!

PARTICIPANTE 15: Eu me chamo F.M.S, tenho 68 anos e sobre a minha velhice eu num fico lá tão, tão, como [é...] [é...] não amo tanto a velhice ((olha pro grupo e o grupo balança a cabeça reprovando o que P15 acabou de falar)) mas a gente tem que ficar velho um dia, não é, porque a gente não nasceu pra ficar novo toda a vida e aqui estou neste mundo a gente ta passando por uma chuvada, nosso lugar é na eternidade mas só no dia que Jesus marcou é que

ele leva a gente para o outro lado da vida, sou feliz. Tenho duas filhas, elas [são...] não são santa porque santo só existe Deus no mundo no céu e na terra, no céu e na terra, mas são umas meninas calma, não vive de farra, não vive de dança, dessas coisas e eu gosto muito delas. Sou viúva há 6 anos, mas estou feliz, tenho minha casinha pra morar, tenho minha pensão, dá bem pra me viver com elas duas apesar delas trabalharem mas elas estão paradas, mas o que eu ganho dá, graças a Deus pra elas passar junto comigo, então é isso que eu tenho a dize, sou feliz na minha vida com elas, gosto muito, brinco, riu, gosto muito de rir e quando passeio, quando não posso, pronto, e então vivo como Deus quer e aceito, né? Graças a Deus.

Situação 2:

PARTICIPANTE 5: “Como falou, né? Olhe, ser velho e idoso é a mesma coisa, isso é questão de ponto de vista, um se achar velho e o outro se achar idoso, idoso é o anos se passando e você ver que está decaindo o organismo, né e velho é aquele que se prostra e diz “eu sou filhinho, tenha pena de mim ((infantiliza a voz)). Eu sou idosa e muito chata”.

PARTICIPANTE 7: Eu sou de acordo o velho e o idoso é um sinônimo, igual, né? Não tem diferença, agora quem quer se entregar envelhece mais e o idoso tem que ter um entusiasmo de fazer alguma coisa, mas a gente quando o ano vai passando a gente vai caindo, mas é segurar a peteca e não deixar ela cair de vez (risos).

PARTICIPANTE 9: “É a mesma coisa, um é sinônimo do outro. Eu, eu bem sou idosa porque o povo quer chamar, mas sou velha porque nasci, cresci e envelheci”.

PARTICIPANTE 10: “Atualmente eu sou idoso, mas nós somos velhos porque tudo que está na terra criado por Deus, envelhece tudo, então o ser o humano não foge à regra, agora há um conceito que criaram de não chamar agora de velho chamar de idoso e isso ai ficou muito bom, porque antigamente dizia: aquele velho que vai ali, e hoje é senhor idoso, mas tudo tá na flor da terra, vive e envelhece, então, eu acho que chamar velho não desmerece ninguém.”

PARTICIPANTE 11: “Eu também me considero idosa, junto com nosso grupo também, eu acho que [o idoso...] que o velho é só a partir de 80 anos pra cima”.

PARTICIPANTE 12: “As duas frases idoso e velhice é uma coisa só, em resumo, é uma coisa só, agora só tem um detalhe que o idoso é mais privilegiado do que o próprio velho porque o velho, como diz o ditado, né: velho são as estradas, né, mas o idoso porque a gente vai de acordo com os anos, né, vai passando, se passando e se vai ficando mais aprendido, né, vai ficando

mais instruído, né? Ai e tem muitas coisas [não...] [não...] [não...] tem no presente, na infância, né, a gente tem que levar. É isso aí”.

PARTICIPANTE 13: “O meu pensar do idoso é que já o idoso tem uma experiência, né? agora quanto à palavra velho aquele que já se entrega em uma frase, envelhecer, né, ai se entrega. Eu me considero idosa”.

Situação 3:

PARTICIPANTE 4: "Eu entendi assim [*que elas...*], [*que elas*], eu notei que elas tinham entregue-se a uma velhice, né, lá, ela chamava ali de lábios amargos, os olhos, as rugas, né? O rosto como ela interpretou ali configurado né? Percebeu que estava ao passo que nós hoje, ainda mais com [*essa...*] ((aponta para o grupo)), estamos tendo a oportunidade aqui no PAM de Areias, de fazer lá na Católica e foram vários grupos primeiro, segundo, terceiro, quarto grupos, foram três meses uma turma e depois as outras, então, nós aprendemos muito assim a lidar com a velhice conviver com ela e nos habilitarmos em termos de corporal, como envelhecer, como exercitar-se ao levantar, antes de levantar esticando os membros, né? E eu, pelo menos, me sinto assim bem apto de no que aprendi. Eu acredito que [*ela...*] consegui perceber, né? Ela se acomodou, o que eu entendi foi ai, até porque ela diz que as mãos já não tem mais força"

PARTICIPANTE 5: "Ela seria ((referindo-se ao texto "Retrato")) na minha opinião, né? Ela seria como um tempo atrás, né? [*É...*] [*é...*] [*é...*] um tempo atrás que não tinha o que pensar num determinado dia, determinado lugar, tentando se acomodar em casa porque não tinha um espaço que fosse pra ocupar a mente, ai os velhos ficavam muito assim (...), muito entregue, né? É isso [...]."

PARTICIPANTE 14: "Eu nem me olho no espelho, não gosto não, é estranho, mas o que posso fazer, sou velha mesmo" (risos)

PARTICIPANTE 1: "Eu concordo com uma coisa, é porque a gente, as pessoas sofrem mais porque tem gente que não aceita ser velho de jeito nenhum. Num viu a outra ((aponta para a colega)) dizer que não se olha no espelho e nem aceita a morte. Tem que aceitar a morte. Eu em".

PARTICIPANTE 10: Eu, bem, o que realmente eu vi no texto foi um exemplo de velhice sedentária, ela com o passar dos tempos ela se acomodou, como dizia o velho ditado: parou. Aí quando acontece o seguinte: apareceu tudo enquanto era de inconveniência e sabe de velho porque os olhos não têm mais força, tá com os lábios amargo, nem nada, foi o [*que...*], porque ela chegou na

idade que todo mundo tem que ficar velho. Tudo que nasceu, envelhece, agora, tem que [saber...], [saber...] conviver com a velhice e ela não fez isso. Ela deixou se acomodar, então, ela entrou numa parte sedentária, quando a pessoa entra numa fase sedentária, realmente não tem mais o que viver, não tem mais jeito, a pessoa só quer saber ficar sedentária, não tem mais disposição de fazer aula, nada nada nada, não. Pa-ra-li-sa-da. E nós agora, nós estamos levando uma vida de idosos com habilidades, fazendo atividades, sendo ativo, porque é isso é que é importante. É isso é que é atividade, é chegar em casa e fazer uma coisa fazer outra, não parar”.

PARTICIPANTE 13: “Eu aceito a velhice, mas embora eu aceite, eu não quero ficar velha por isso que pinto meu cabelo para ficar mais jovem. Meu coração é jovem, gosto de trabalhos manuais, gosto de pintar, gosto de passear”.

PARTICIPANTE 8: “Desde menina, quando eu era pequena eu já gostava da minha cabeça branca, aí eu dizia: “quando eu crescer e ficar com minha cabeça branquinha assim, eu quero continuar com ela branca, então eu cresci e continuo do mesmo jeito, adoro a minha cabeleira, continuo falando que eu gosto, tem muita gente que pinta porque, até pra dançar, as vezes, a pessoa não quer dançar por causa da minha cabeça branca. Quem tiver de cabelo pintado todo mundo chama. É isso aí. Mas eu não vou fazer esse gosto a ninguém, faço gosto a mim e eu vivo muito bem nessa assim (...) nem todo mundo vai com a cara da gente. É que sou muito cara fechada mas faço passo, danço, faço isso e faço aquilo, aí fica todo mundo achando estranho, né?”

PARTICIPANTE 15: “Como falei outro dia, agora a gente tem que, como é, tem que se conformar porque a gente não podia ficar novo toda a vida, né, tinha que envelhecer, mas eu não estou dizendo assim porque eu não gosto não, num sabe que eu estou velha, num vai dizer que sou nova, sou velha. Gosto da minha velhice, gosto de passear, gosto de me distrair, principalmente aqui com vocês”.